

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 788 · €1,80

Janeiro 2013

Especial

10 Dias no Aposento Alto

Reavivamento e Reforma

Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

II PEDRO 1:11

2-12
2013
janeiro



O BATISMO do Espírito

"E ntão voltaram para Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, o qual está perto de Jerusalém, à distância do caminho de um sábado. E, entrando, subiram ao cenáculo, onde habitavam Pedro e Tiago, João e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelota, e Judas, de Tiago. Todos estes perseveravam unânimes em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus. E com Seus irmãos. [...].

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; E de repente veio do Céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas, por eles, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus, todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua

em que somos nascidos? Partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, Ponto e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes, todos os temos ouvido, nas nossas próprias línguas, falar das grandezas de Deus.

E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer dizer isto?"

· ATOS 1:12-14; 2:1-12. ·

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice

EDITORIAL

04 Unidos para Receber

05 Memo

PRIMEIRO DIA

06 Graça Multiplicada



SEGUNDO DIA

09 Promessas Poderosas

TERCEIRO DIA

11 O Fundamento da Fé



QUARTO DIA

**14 Excelentes Padrões
Morais**



QUINTO DIA

**17 Conhecer Plenamente
Deus**

SEXTO DIA

**19 O Domínio Próprio
é Essencial**



SÉTIMO DIA

21 Perseverança Paciente

OITAVO DIA

24 Crescer na Piedade



NONO DIA

26 Bondade Fraternal



DÉCIMO DIA

**28 Amar Acima de Todas
as Coisas**



DÉCIMO PRIMEIRO DIA

**30 Regozijo pelos
Resultados que Vêm
de Deus**



REFLEXÃO

33 Reavivamento para Quê?

Revista Adventista

JANEIRO 2013
Ano 74 · Nº 788

Impressão e Acabamento Rolo & Filhos II, S. A. - Mafra Tiragem 2300 exemplares Depósito Legal Nº 1834/83 Preço Número Avulso €1,80 Assinatura Anual €18,00 Isento de Inscrição no E. R. C. - DR 8/99 artº 12º Nº 1a ISSN 1646-1886

FOTO DA CAPA © Shutterstock

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

Diretor António Rodrigues Chefe de Redação Paulo Sérgio Macedo Coordenador Editorial Paulo Lima Colaboradores de Redação Manuel Ferro e Lara Varandas Projeto Gráfico Marisa Ferreira e Sara Calado Diagramação Sara Calado Fotos Ilustrativas © Shutterstock E-mail revista.adventista@pservir.pt Proprietária e Editora Publicadora SerVir, S. A. Diretor Comercial Enoque Pinto Sede e Administração Rua da Serra, nº 1 - Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01 Controlo de Assinantes Paula Raimundo E-mail assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



Antônio Rodrigues

Unidos para Receber

No dia de Pentecostes, os discípulos estavam reunidos em Jerusalém. Obedeciam à ordem de Jesus: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas...” Atos 1:8.

Para receber a promessa de Jesus, os discípulos tiveram que fazer uma mudança na sua vida. Em primeiro lugar, tiveram de crer nas palavras de Jesus e obedecer à Sua ordem. Depois, todos reunidos, tiveram que deixar as discórdias, as invejas, os ciúmes, as contendas e entregarem-se a um espírito de união e de oração. *Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com Seus irmãos* (Atos 1:14).

Como Cristãos, não devemos ser indiferentes à promessa que Jesus faz. Hoje estamos num mesmo lugar, somos também discípulos. Muitos há que aguardam a descida do Espírito Santo há muito tempo, sem que nada tenha mudado na sua vida. Eis a maior necessidade que todo o crente sincero deve desejar: *Precisa de haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam de fundir-se* (Review and Herald, 25 de fevereiro de 1902).

O texto de Atos 2:2 afirma: *E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. Deus tem poder para mudar a nossa vida de repente. Apesar de aprendermos que a Santificação dura uma vida inteira, não devemos esperar toda a nossa vida pela descida do Espírito Santo. Será que não nos acomodamos à maneira como estamos? Precisamos de um “de repente” que mexa conosco, que tire a nossa vida da rotina e do pecado, que mude o nosso lar, a nossa igreja. O Espírito Santo deseja habitar em nós e nós*

podemos experimentar este enchimento do Espírito e uma nova existência em adoração.

Como saber se houve uma transformação no nosso ser? Para que a nossa vida experimente a plenitude do Espírito Santo, Deus irá gerar em nós o desejo de pregar a palavra com ousadia e intrepidez na proclamação de Cristo (Atos 2:14-41). Quando a vergonha e o medo dão lugar à coragem, a timidez à intrepidez, o falar baixo ao bradar em alta voz. Esta ousadia não é apenas para falar, mas é também sobre o que falar. É tempo de colheita para nós, gerando também mudança no nosso estilo de vida. Firmeza nas doutrinas dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações. *A fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste* (João 17:21).

O Espírito Santo capacita-nos a não termos vergonha ou timidez de falar sobre Jesus (no trabalho, na escola, aos amigos), a abrir a nossa casa para receber vizinhos e amigos, a dar mais do que receber. Será que estamos a fazer a diferença nos dias de hoje? O Pentecostes tem que mexer com as estruturas, vai tirar-nos do nosso conforto pessoal e fazer com que nos envolvamos com as pessoas. Pentecostes é relacionamento. Deus derramou o Seu Espírito com poder depois do Pentecostes. A Sua Igreja passou dez dias unida, pedindo a bênção prometida. Ele está pronto para fazer isso de novo, hoje! Em todo o mundo, as igrejas adventistas estão a experimentar a renovação do Espírito Santo, seguindo o exemplo dos discípulos e participando em Dez Dias de Oração.

Necessita-se de um reavivamento no estudo da Bíblia em todo o mundo. Cumpre chamar-se a atenção, não para as afirmações dos homens, mas para a Palavra de Deus. À medida que se fizer isto, realizar-se-á poderosa obra. Quando Deus declarou que a Sua Palavra não voltaria para Ele vazia, queria dizer tudo quanto disse. O Evangelho deve ser pregado a todas as nações. A Bíblia deve ser aberta perante o povo. O conhecimento de Deus é a mais alta educação, e encherá a Terra com as suas maravilhosas verdades, como as águas cobrem o mar (Manuscrito 139, 1898). †

• **Antônio Rodrigues,**
presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

JANEIRO

2 a 12	Dez dias de Oração
05	Programa Especial: Dez dias de Oração
19	Dia da Liberdade Religiosa – Oferta
27	Encontro de Dirigentes Regionais JA

FEVEREIRO

04 a 06	Curso de Iniciação à Colportagem
08-10	Geração Adventista em Missão
09	Oferta para a Rádio Mundial Adventista
09 a 16	Semana do Lar e Família
09	Reunião dos Oficiais de Igreja, RE Lisboa e Vale do Tejo, – Lisboa-Central, 9h30
10 a 12	Ação de Formação para a Colportagem
17	Encontro de Líderes JA
23	Festival do Hino
24	Conselho Nacional de Educação

JANEIRO

3-4 – União Suíça (SU)
 7-11 – Escritórios da ADRA nos diversos países (EUD)
 14-18 – Associação da Baixa Saxónia (NGU)
 21-25 – Universidade Adventista de Friedensau (EUD)
 28-1/2/2013 – Centro de Média *Stimme der Hoffnug* (EUD)

FEVEREIRO

4-8 – Casa Publicadora Vie et Santé (EUD)
 11-15 – Casa Publicadora Saatkorn (EUD)
 18-22 – Hospital de Waldfriede (EUD)
 25-1/3/2013 – União Franco-Belga (EUD)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Recomeçar

(...)

Vem ajudar-me a dar os primeiros passos,
 A reaprender as primeiras letras,
 A soletrar o Teu nome!...
 Vem dar-me o desafio de uma nova oportunidade
 E conduzir a minha vida,
 Na alegria de reencontro!
 Vem ser o amigo que não tive,
 O sonho que falhou, a meta que não alcancei!...
 Eu sei, Senhor,
 Que não mereço esse amor, esse perdão!
 Tu suportaste por mim a humilhação e a afronta
 E eu, talvez, não saiba amar-Te como mereces,
 Mas Tu amas-me!!
 Tu nunca me abandonas,
 Os Teus passos sempre seguirão os meus...
 O Teu coração sempre baterá por mim...
 O Teu apelo jamais cessará,
 Mesmo que luzes falsas me ofusquem a verdade!...
 Por isso, Senhor,
 Apesar de toda a minha fragilidade
 E toda a minha pequenez,
 Quero dizer-Te que me decido por Ti,
 Que aceito esse amor incondicional
 E quero fazer Contigo a mais linda caminhada
 Rumo ao infinito... Até à eternidade! 🙏

Manuela Matos

IASD Vila Nova de Gaia

ANTENA 1

RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h

..... ANTENA 1, a partir das 22h47

- 14/01 (segunda-feira)
- 04/02 (segunda-feira)
- 27/02 (quarta-feira)

Envie os seus textos para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas)

Publicadora SerVir, S. A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almagem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt



Primeiro Dia

Graça Multiplicada

ARTUR MACHADO

Um dos conceitos bíblicos mais belos e fundamentais para uma vida cristã equilibrada e harmoniosa é o conceito de graça. Alguns Cristãos sabem o que significa a graça divina e conhecem por experiência os resultados que ela produz na sua vida. Outros Cristãos, porém, ainda não perceberam o significado real desta noção e a sua importância para uma experiência cristã plena.

Ellen White afirmou que “as doutrinas de graça e verdade não são realmente compreendidas pela maior parte dos nossos alunos e membros de igreja”.¹

Neste pequeno artigo não pretendo fazer uma análise profunda deste conceito, mas partilhar apenas alguns elementos importantes para a compreensão do que é a graça divina e do papel que ela pode desempenhar na experiência cristã de cada um de nós, enriquecendo e fazendo crescer a nossa vida espiritual.

As Palavras para “Graça” na Bíblia

O conceito de graça é transmitido no Antigo Testamento através de duas palavras hebraicas: *hen* e *hesed*.

A primeira aparece 65 vezes no texto do Antigo Testamento e significa, literalmente, “olhar debruçando-se”; no sentido moral tem os significados de “mostrar condescendência”, “bondade” e “favor”. A ideia é bem expressa através da frase bíblica “achar graça diante de Deus”. É interessante notar que esta expressão aparece em Génesis, no capítulo 6, num contexto de degradação da raça humana, no qual Deus pronunciou um juízo condenatório sobre a humanidade. Apesar de se viver nesse momento no contexto de uma humanidade completamente afastada da vontade divina e praticando continuamente o mal, o relato bíblico menciona que Deus olhou para Noé e que este achou graça diante dos olhos de Deus. O nome

Noé escreve-se no hebraico de forma inversa à palavra graça. E, neste relato de Génesis 6, mostra-se que, apesar desta humanidade estar às avessas do projeto original de Deus, Ele ainda olha com atenção, debruça-se para ver se pode ainda salvar alguém dessa degradação e do iminente juízo destruidor.

Através da segunda palavra, *hesed*, que é traduzida, na versão grega dos Setenta, por *Eleos* e não por *charis* (a palavra grega por excelência usada para traduzir a noção de graça no Novo Testamento), o acento é colocado na fidelidade de Deus à aliança que Ele estabelece com o ser humano. Face à infidelidade humana, o pecador não teria direito algum à *hesed* de Deus, à misericórdia divina. Pelas suas atitudes, apenas poderia esperar a exclusão da comunidade do povo de Deus. No entanto, porque Deus é fiel ao que prometeu, porque Ele nos ama e quer acima de tudo restabelecer a comunhão connosco, Deus exerce toda a Sua bondade, misericórdia e compaixão na tentativa de que o pecador reconheça tal fidelidade e se arrependa das suas ações.²



A graça exprime assim o compromisso de Deus em relação à aliança que estabeleceu com o ser humano. Apesar das sucessivas quebras da aliança por parte do Homem, Deus é fiel e procura, através da revelação divina, do ministério de sacerdotes e profetas, trazer o pecador de volta ao contexto da aliança. Por isso Ele perdoa, restaura e exerce misericórdia, justiça e salvação.³

No Novo Testamento, a palavra grega mais utilizada para transmitir a noção bíblica de graça é *charis*, que aparece 155 vezes no texto grego do Novo Testamento, a maior parte nos escritos paulinos (110 vezes), onde desempenha um papel fundamental na compreensão do que significa a salvação para Paulo.⁴

Quando estudamos a evolução de sentido que esta palavra teve na língua grega, verificamos que o seu primeiro significado no grego está conotado com o prazer e a alegria. *Charis* era o prazer gratificante que se poderia tirar de algo. O verbo *chairo*, de onde deriva a palavra *charis*, significa “ser alegre” e traduz o estado de alguém satisfeito, bem

consigo mesmo, feliz. Os Gregos alegravam-se na beleza e, por isso, tudo o que era belo era louvado e procurado. Daí que o bem-estar físico e a boa saúde fossem privilegiados na cultura grega. A palavra *charis* servia também para descrever as belas palavras e os gestos feitos a alguém que demonstrassem favor, boa-vontade, amabilidade, benevolência. Como consequência de tais gestos e palavras, *charis* veio também a traduzir o agradecimento daquele que era alvo de tais ações.⁵

Assim, para os Gregos antigos, esta palavra era usada de várias formas para exprimir o estado de espírito, as palavras e as atitudes que derivavam da ideia de alegria e que estavam também associadas com tudo o que era belo.

Significados de Graça na Bíblia

Paulo e os outros autores do Novo Testamento, quando procuraram transmitir o que é a salvação e o que a relação com Deus produz na experiência humana, acharam que esta era a palavra mais adequada para exprimir tal

experiência. E as várias passagens bíblicas onde a noção de graça aparece e alguns dos seus significados, quando bem meditados e refletidos, ajudam-nos a perceber realmente Quem é Deus para nós, que propósitos tem Ele para a nossa vida, que aspetos concretos deseja Ele que experimentemos na nossa experiência presente.

Na epístola aos Efésios, no capítulo 1, versículos 7 e 8, Paulo louva a Deus porque, através de Jesus, Deus elegeu-nos como Seus filhos, *no Qual temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência.*

A graça é, em primeiro lugar, um ato de favor imerecido de Deus para conosco. É um ato de bondade amorosa, pelo qual Deus nos poupa e nos protege da consequência funesta do pecado, que é a morte eterna. Pelo Seu amor e misericórdia, o Pai enviou o Seu Filho, para que a nossa salvação fosse possível.

Quando falamos de graça divina, não estamos a falar de alguma

espécie de bondade humana, nem de um nobre espírito humanista. Estamos a falar do que constitui a base da nossa redenção como pecadores. Como pecadores merecemos a morte, mas Deus oferece-nos a vida. Como pecadores estamos separados, mas Deus oferece-nos reconciliação. Como pecadores estamos sobre o juízo, mas Deus oferece-nos libertação. Toda a base da iniciativa redentora de Deus está contida na graça divina. Não admira que Paulo exclamasse: *Por quanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens* (Tito 2:11).⁶ “Assim, a graça é a iniciativa e a atividade soberana de Deus para a salvação de pecadores que através da fé aceitam a provisão da graça divina.”⁷

A graça manifesta-se também na ajuda espiritual e no poder que Deus nos concede, para vivermos de acordo com a vontade divina a nosso respeito. Na sua primeira epístola, o apóstolo Pedro escreve: *Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à Sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, Ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar* (I Ped. 5:10).

Foi pela graça de Deus que Paulo enfrentou o seu espinho na carne (II Co. 12:9) e que das suas fragilidades tirou força.

Terceiro aspeto, a graça de Deus concede-nos paz. A famosa saudação de Paulo, “graça a vós outros e paz”,⁸ é uma das formas mais belas de resumir o efeito da graça de Deus na vida de cada pessoa.⁹ A menos que sejamos o recipiente da graça de Deus, não podemos experimentar paz na nossa existência. E, na Bíblia, paz não é apenas ausência de guerra e conflito, mas sobretudo o sentimento de plenitude, de segurança, de tranquilidade que advém de saber que toda a vida está nas mãos de um Deus

que tudo sabe, tudo pode e que me ama completamente.

Aceitação da Graça de Deus

A graça de Deus é gratuita para todos nós, mas não é sem preço. Ela custou a vida do Amado Filho de Deus.

Dietrich Bonhoeffer, um teólogo alemão que exerceu o seu ministério no período em que os nazis lideravam a política na Alemanha, no período da Segunda Guerra Mundial, cunhou o termo “graça barata”. Face a uma Igreja luterana que assistia indiferente e impassível à discriminação de Judeus no regime nazi, a expressão graça barata denotava não apenas a indiferença comunitária para com as exigências do discipulado, mas também a cegueira e a surdez para com o chamado que Jesus faz a cada pessoa para O seguir.

“Graça barata é a pregação de perdão sem requerer arrependimento, batismo sem disciplina eclesiástica, comunhão sem confissão, absolvição sem confissão pessoal. Graça barata é graça sem discipulado, graça sem cruz, graça sem um Jesus vivo e incarnado.”¹⁰

A extraordinária graça de Deus, que se dirige a cada um de nós, modificando a nossa situação diante de Deus, concedendo-nos o poder para transformar a nossa vida, reabilitando-nos e trazendo plena alegria à nossa existência, não pode ficar apenas connosco. Ela deve permear toda a nossa vida e manifestar-se em cada domínio da nossa existência. A graça reconciliadora de Deus deve fazer de nós reconciliadores. A graça que traduz o amor de Deus deve fazer de nós pessoas mais amáveis, a graça que nos concede perdão conduz-nos a perdoar os outros. A graça é a iniciativa divina, o que significa que Deus nos dá aquilo que não merecemos,¹¹ mas que se prolonga para

lá de nós e se torna efetiva na nossa família, na nossa igreja, no nosso local de trabalho, multiplicando os seus efeitos, através do testemunho coerente e disponível de quem se sente eternamente grato por ter sido alvo de tão grande graça, e que deseja que outros experimentem esse mesmo sentimento, para que a sua vida seja também um canal por onde a graça de Deus continue a fluir e a multiplicar-se. ✦

1. Ellen White, *Fundamentos da Educação Cristã*, Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 386.
2. Cf. Walter EICHRODT, *Teologia do Antigo Testamento*, S. Paulo: Hagnos, 2005, vol. 1, pp. 210 e 211.
3. Cf. Edmond Jacob, *Théologie de l'Ancien Testament*, Neuchatel: Delachaux & Niestlé S.A., p. 84.
4. Cf. Ken Mulzac, “Grace in the Synoptic Teachings of Jesus”, in *Journal of Adventist Theological Society*, 14/2 (2003), pp. 66 e 67.
5. A. Bailly, *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français*, Paris: Hachette, 2007, p. 953.
6. Cf. John Fowler, “Grace: costly, free, but not cheap”, in *Ministry*, agosto 1993, p. 4.
7. *Ibid.*, p. 4.
8. Rom. 1:7; I Co. 1:3; Gál. 1:3; Efé. 1:2; Fil. 1:2.
9. Cf. T.K. Ludgate, “The Wonderful “Charis” of God”, in *Ministry*, outubro 1961, p. 36.
10. Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, New York: The MacMillan Co., 1967, p. 47.
11. Cf. Georges Knight, *My Gripe With God*, Washington: Review and Herald Publishing Association, 1990, p. 16.



Pr. Artur Machado
Secretário executivo
da UPASD

PA&A

Refletir

1. Em que aspetos da sua vida vê melhor a ação da graça de Deus na sua vida?
2. Será que alguma vez nos sentimos propensos a praticar uma “graça barata”? Como podemos evitar fazer isso?
3. Como membros e como Igreja, como é que poderemos corresponder na prática à graça de Deus, de forma que esta, pelo nosso testemunho, se torne acessível a outros?



Segundo Dia

Promessas Poderosas

TIAGO ALVES

Professora – perguntou um aluno curioso e destemido – que caixas de presentes são essas que tem em cima da sua mesa? São para nós?

– Sim! Claro que sim. São presentes especiais para os meus alunos especiais.

– Mas o Natal foi no mês passado! – Declarou outro aluno, perspicaz e brincalhão – Mas, é sempre bom receber presentes!

– Os presentes que tenho para vos dar são realmente especiais, diferentes, são para a vida, para a vossa vida e, quem sabe, para vocês partilharem com os vossos familiares e amigos.

E a professora, aproveitando a deixa, o entusiasmo e a expectativa dos seus alunos, abriu a primeira caixa e dela retirou um livro que os alunos do Colégio Adventista logo reconheceram como sendo a Bíblia, as Sagradas Escrituras. Habituada à história bíblica com a qual começavam todas as manhãs de aulas, a turma rapidamente viu este livro magnífico como sendo um tesouro, um presente de Deus, mas, à medida que a professora abria as outras caixas e mostrava um número interminável de livros

de uma mesma autora, os alunos questionavam-se acerca do porquê do seu conteúdo e qual a sua relação com a Bíblia. A professora explicou que as Sagradas Escrituras são a luz maior, e que os escritos proféticos de Ellen G. White, sendo a luz menor, se apresentam como um complemento, uma ajuda para uma vida plena de sentido vivida à luz da vontade divina.

Naquele dia, aquela dedicada e comprometida professora adventista começou a apresentar as promessas de Deus às suas duas dezenas de alunos de 8 anos, na grande maioria não adventistas. Iniciava-se, assim, um percurso de estudo, de reflexão sobre as verdades bíblicas, sobre a importância do Espírito de Profecia e sobre o

Adventismo, enfim, sobre as poderosas promessas divinas. Foram, sem dúvida, especiais e preciosos presentes aqueles que foram transmitidos. As sementes foram lançadas, decisões foram e serão ainda tomadas e a eternidade revelará os frutos desta sementeira.

Sim, Deus deu-nos e continua a dar-nos promessas preciosas, segundo II Pedro 1:4: *Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo.*

Deus é fiel, imutável e tem um imenso e incalculável amor pelos Seus filhos, por cada um de nós. As suas promessas, decorrentes do Seu caráter, são também elas imutáveis, plenas de amor, poder e esperança. Devemos por isso aprender a louvar a Deus pelas Suas promessas, aprender a agradecer-Lhe por nos dar a Sua Palavra como revelação do Seu amor, aprender a sentir gratidão pelo sacrifício do Seu filho, Jesus Cristo, o nosso Salvador, e pelo sentido e alento que a Bendita Esperança da vida eterna nos dá enquanto vivemos nesta Terra.

É essencial sentirmos necessidade de agradecer a Deus por nos conceder as Suas “maravilhosas e preciosas promessas”, pelo renovar do nosso amor por Ele, pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia.

Mas, no fundo, quantas vezes este sentimento de gratidão esmorece, perde preponderância na nossa adoração pessoal e coletiva? *Para que vos não façais negligentes, mas sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdaram as promessas* (Hebreus 6:12). Sim, não podemos ser negligentes, é necessário exercitar a nossa fé, estudar as Profecias e estabelecer uma comunhão diária com o Senhor.

A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração (Colossenses 3:16).

Toda a Palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam n'Ele (Provérbios 30:5).

De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus (Romanos 10:17).

Porque todas quantas promessas há de Deus, são n'Ele sim, e por Ele o Amém, para glória de Deus por nós (II Coríntios 1:20).

Que sequência de exortações estas do nosso amado Criador e Redentor, que deseja habitar em nós continuamente, através da Sua Palavra, que é escudo contra o inimigo! Estamos nós a agarrar esta oportunidade de exercitar a nossa fé, ouvindo a palavra de Deus, de receber as Suas promessas, “para glória de Deus por nós”?

Talvez seja oportuna ou mesmo necessária uma confissão pessoal! Pedir perdão ao Senhor por não amarmos verdadeira e totalmente Deus, a Bíblia e o Espírito de Profecia, poderá ser uma necessidade, um virar da página da nossa existência espiritual. Pedir ainda a

Deus que nos revele quais as áreas da nossa vida, da vida da nossa família e da nossa igreja que carecem do amor a Deus e de confiança nas Suas promessas.

Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundície da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus (II Coríntios 7:1).

Sim, diante de nós estão diversos desafios que decorrem do processo de santificação no qual estamos empenhados. Mas, nestes “10 dias de Oração”, o desafio preferencial é o desafio da oração de humilhação. Devemos orar por uma fé maior nas promessas de Deus. Orar ainda para que Deus nos revele o Seu amor, especialmente através da Bíblia, para que O amemos mais e à Bíblia também. Orar para que eu, a minha família, a minha igreja, o povo de Deus, nos apaixonemos novamente pelo nosso Senhor e pela Sua Revelação.

Hoje, no contexto da pós-modernidade, lamentavelmente muitos Cristãos perderam a sua confiança nas Escrituras e interpretam-nas na perspectiva das suas próprias tradições (os tradicionalistas), da razão (os racionalistas), da experiência pessoal (os existencialistas), e mesmo da sua cultura (os culturalistas). Mas outros há que, cansados da aridez de tais ideologias humanas, buscam um fundamento mais firme sobre o qual ancorar a sua fé.

Se a nossa âncora está firmada na própria Palavra, crendo que o seu testemunho não é o resultado de invenções humanas, mas um dom divino para revelar Deus e o Seu amor redentor à humanidade, então não temos nada a temer ou a perder. O Espírito Santo, que está na origem da Palavra e na gênese da sua unidade e autoridade, pode também iluminar a nossa mente para a reconhecermos como tal.

Teorias humanas podem surgir e desaparecer (ver Efésios 4:14), mas *a palavra de nosso Deus permanece eternamente* (Isaías 40:8).

Uma certeza inabalável deve preencher a nossa mente e dar sentido à nossa existência: Deus ama-nos, Ele é fiel, as Suas promessas cumprir-se-ão. Portanto, devemos pleitear essas infalíveis promessas.

“Deus é glorificado ao dar o Seu poder aos Seus filhos. Ele deseja ver homens e mulheres alcançarem a norma mais elevada. E quando pela fé se unirem ao poder de Cristo, quando lutarem pelas Suas infalíveis promessas, considerando-as como suas, quando com persistência procurarem o poder do Espírito Santo que não lhes será negado, então tornar-se-ão completos n'Ele” (*Atos dos Apóstolos*, pp. 377 e 378, ed. PSerVir).

Recebamos então estas promessas poderosas como presentes especiais, abrindo-os e aplicando-os à nossa vida. Reivindiquemos ainda o derramamento do Espírito Santo prometido na Palavra de Deus. ✦



Ir. Tiago Alves

Departamento de Educação da UPASD

MOTIVOS DE

Oração

Aceitar as promessas de Deus e permitir que estas mudem vidas, a nossa e a dos que nos rodeiam.

Sentir a necessidade de amar a Palavra de Deus e o Espírito de Profecia.

Decidir ler a Bíblia e o Espírito de Profecia com regularidade.

Participar na distribuição de Bíblias e de materiais do Espírito de Profecia ao redor do mundo.



Terceiro Dia

O Fundamento da Fé

PAULO SÉRGIO MACEDO

Por maior que seja a dificuldade em definir por palavras o conceito de Fé, tenho-a presenciado na vida de muitos que testemunham na adversidade, quando presto apoio aos nossos irmãos e irmãs que vivem problemas no trabalho por desejarem guardar o dia de Sábado. Nestes casos, há algo que me surpreende e comove de uma forma especial: a vontade determinada em obedecer a Deus e a certeza de contar com a Sua presença durante a prova a enfrentar.

Compreende-se bem o que é a Fé quando a vemos a agir e, principalmente, quando a vivemos...

O rabi Yisrael Meir Kagan, pensador judeu que viveu nos séculos XIX e XX, escreveu, na sua obra *Chafetz Chaim*: “Com fé não há pergunta, sem fé não há resposta.”

Numa civilização cujo pensamento científico se fundamenta na dúvida metódica e numa época em que impera o ceticismo, estas palavras interpelam o que temos como culturalmente adquirido. Afinal, habituámo-nos a pensar que é através do questionamento permanente que chegamos – ou, pelo menos, nos aproximamos – à verdade; também vivemos com o

senso comum de que as respostas não vêm da fé, mas sim da Ciência. É por isso que não é fácil aceitar que, com a Fé, todas as perguntas estariam respondidas e não haveria lugar à dúvida, e que, sem a Fé, não haveria respostas possíveis, especialmente para os grandes problemas da existência.

Mas tudo fica mais claro sobre o pensamento do *Chafetz Chaim* (*Aquele Que Deseja a Vida*, em tradução livre) quando percebemos que trata do problema ético do uso sábio ou insensato da “língua”, o modo como se empregam as pa-

lavras, e que o seu ponto de partida é um texto da Bíblia: *Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem? Guarda a tua língua do mal, e os teus lábios de falarem o engano. Aparta-te do mal, e faze o bem; procura a paz, e segue-a. Os olhos do SENHOR estão sobre os justos, e os Seus ouvidos atentos ao seu clamor* (Salmo 34:12-15). Afinal, a Fé é importante tanto para identificar o que se acredita como para definir o que se pratica... e até o sábio controlo das palavras é um sinal de fé, recompensado pelo Senhor.

Como outros, este texto demonstra que, na escrita bíblica e no pensamento hebraico, não existe distinção entre a teoria e a prática, a palavra e a ação, a intenção e o comportamento. É por isso que a Fé não nos é apresentada na Bíblia como qualquer das suas definições comuns na nossa língua. Os dicionários definem-na como a adesão a um conjunto de ideias, um credo ou religião, um sentimento de quem tem determinada crença, a fidelidade de um testemunho. Mas a Fé que a Bíblia apresenta não é nenhum destes elementos por si, nem sequer

o seu conjunto. Para um crente minimamente conhecedor da Bíblia, a definição de Fé salta à memória com facilidade: *A Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem* (Hebreus 11:1). Para outro, mais versado em leituras cristãs complementares, virá à lembrança uma outra definição, popular entre nós, Adventistas do Sétimo Dia: “A Fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para nosso bem” (E. G. White, *Educação*, p. 253).

Esta noção de Fé, de que Deus fala na Sua Palavra, é um ato racional de decisão, é vivida em consciência e professada em público através dos votos batismais, consiste na crença numa verdade revelada, fundamenta uma esperança nas promessas de Deus. Mas, para verdadeiramente o ser, a Fé é mais do que a soma de todas estas partes

e tem consequências no todo da existência do crente. Essas consequências – o fruto, na linguagem bíblica – transformam a vida da pessoa que tem Fé, através de um verdadeiro sentido existencial, de comunhão, confiança e segurança.

A Fé não é somente profissão: é comunhão

A Fé é para ser vivida e deve ser exercitada, mas não pode ser gerada espontaneamente pela nossa vontade e capacidade. Ela é um dom de Deus, que a distribui soberanamente e na medida justa por aqueles que ama (Romanos 12:3). Aceitando esse dom, o crente professa a Fé pela vivência e pelo testemunho. O autor do livro de Hebreus declara que estamos “rodeados de testemunhas” e que devemos correr pacientemente “a carreira que nos está proposta” (Hebreus 12:1). E é então que

nos remete para o mais profundo do relacionamento de Fé: a comunhão com Aquele que a doou. Por isso, propõe que vivamos, usando uma forma verbal que indica continuidade e permanência, *olhando para Jesus, autor e consumidor da fé*, que garantiu o direito à nossa posse pela vida de obediência e pela morte expiatória em nosso favor, sentando-Se à direita do trono de Deus (Hebreus 12:2). Numa vida de Fé, não chega professar que se acredita em Deus e no Seu Filho como Salvador, nem sequer manifestar que se vive de acordo com os Seus princípios: ela só será de facto uma experiência de Fé se partir de um relacionamento pessoal com o seu Autor e Consumador.

A Fé não é somente crença: é confiança

Não há verdadeira comunhão sem unidade de propósito e de ob-



jetivo. É por essa unidade que Jesus ora ao Pai, em favor dos Seus filhos (João 17:21). Não existe verdadeira unidade sem vontade, e essa vontade tem como motivação o amor. Jesus definiu o sinal que provaria que era amado pelos Seus filhos: *Aquele que tem os Meus mandamentos e os guarda esse é o que Me ama* (João 14:21). A motivação que o amor confere, nenhum outro alvo procura senão fazer a vontade de Deus, o que só é possível pela Fé: *Ora, sem fé é impossível agradar-Lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam* (Hebreus 11:6). A procura de agradar a Deus tem como consequência uma entrega total, comprometida, confiante, que tem como retribuição o Seu cuidado permanente: “O Senhor quer que todos os Seus filhos e filhas sejam felizes,

“A Fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para nosso bem.”

obedientes e desfrutem paz. Pelo exercício da fé, o crente toma posse dessas bênçãos. Pela fé, cada deficiência de caráter pode ser combatida, cada contaminação purificada, cada falta corrigida e toda a boa qualidade desenvolvida (E. G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 403, ed. PSeVir).

A Fé não é somente esperança: é segurança

A palavra esperança aparece em 180 versículos da Bíblia, em alguns deles mais do que uma vez. É um tema central da Mensagem de Deus aos homens e relaciona-se com a expectativa do que Ele pode fazer pelos Seus filhos, assim eles O aceitem. No entanto, no seu próprio conceito, a esperança é incompleta para definir a Fé que Deus deseja que tenhamos nas Suas promessas. Nas palavras do apóstolo Paulo: *Porque em esperança fomos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos* (Romanos 8:24 e 25). O crente espera o que não vê e espera-o com paciência. Aguarda com perseverança a Salvação, o alvo da sua Fé. Para isso, mesmo na adversidade, vive na certeza das promessas de Jesus e na segurança da Sua proteção, como afirma o apóstolo Pedro: *Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo; ao Qual, não O havendo visto, amais; no Qual, não O vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso; alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas* (I Pedro 1:6-9). Pela Fé, o crente vive na esperança da Salvação, com confiança nas promessas e a segurança da proteção de Deus.

Prezado irmão, prezada irmã, Desejo que, no tempo de dificuldade que vivemos e no ano que agora se inicia, encontre na Fé em Deus o sentido para a sua existência. Através da Fé, numa vida de comunhão com Deus e confiando nas Suas promessas, encontrará a segurança com que Jesus deseja que vivamos até ao encontro, pessoal e definitivo, com Ele: *Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. Ouvistes que Eu vos disse: Vou, e venho para vós* (João 14:27 e 28). ✦



Ir. Paulo Sérgio Macedo
Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD

PARA

Refletir

1. Reflita nas seguintes palavras de Ellen White:

“O tempo em que propriamente deveríamos exercer a fé é aquele em que nos sentimos privados do Espírito... A verdadeira fé baseia-se nas promessas contidas na Palavra de Deus, e apenas aqueles que obedecem a essa Palavra podem rogar suas gloriosas promessas” (*Vida e Ensinos*, p. 126).

O que nos diz este pensamento sobre os momentos em que mais precisamos de exercer a Fé? Em que se baseia ela? Como resistir ao sentimento de que, por qualquer razão, se está afastado “de mais” de Deus?

2. Leia o texto de I Pedro 1:5-8. Procure encontrar um critério para a sucessão das palavras de Pedro que devem ser acrescentadas à Fé. Até que ponto são elas importantes? Segundo o autor, o que é indispensável para que estejam verdadeiramente presentes na vida cristã?



Quarto Dia

Excelentes Padrões Morais

DANIEL BASTOS

“**E** por isso mesmo vós, empregando toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude...” (II Pedro 1:5).

A palavra “virtude”, tradução portuguesa da palavra grega arete, também pode ser traduzida por “excelência moral”. Aparece apenas cinco vezes no Novo Testamento (Filipenses 4:8; I Pedro 1:3 e II Pedro 1:3, 5). Esta excelência moral ou virtude interior é própria de Deus (I Ped. 2:9 e II Ped. 1:3), por isso deve ser objeto do nosso pensamento (Fil. 4:8), para que, a seu tempo, possa manifestar-se em cada um de nós, como acréscimo à nossa fé para um caráter bem equilibrado (II Ped. 1:5).

Para se chegar à “excelência moral” importa primeiro crer nas *grandíssimas e preciosas promessas que nos podem fazer participantes da natureza divina* (II Ped. 1:4). Como exemplo de promessas feitas na Palavra de Deus, citamos:

Mas, a todos quantos O receberam, aos que creem no Seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (João 1:12).

Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito

novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne (Ezequiel 36:26).

Com base no que o Senhor promete, sabemos que é possível *escapar da corrupção que pela concupiscência há no mundo*. A ideia de “escapar” pode ser enriquecida com a expressão *resisti ao diabo* (Tiago 4:7). As vitórias sobre o mal na vida espiritual, cada tentação resistida e vencida, tornam o crente mais confiante no seu Salvador e Libertador e, paralelamente, a

virtude, ou seja, a excelência moral, começa a caracterizar a vida do crente. Em simultâneo, aliás, crescem todas as demais graças, mencionadas em II Pedro 1:5-7, segundo nos diz Ellen White (RH, 29 de julho de 1890).

Um personagem bíblico vem à mente quando falamos de excelência moral: Daniel. Dele é dito que tinha um espírito excelente (Dan. 5:12, 14; 6:3). Ele não se contaminaria com a comida e a bebida do rei (Dan. 1:8), era irrepreensível nos assuntos temporais (Dan. 6:3-5) e tinha uma vida de oração e comunhão da qual não abdicaria mesmo com risco para a sua vida (Dan. 6:10). Também revelava tato e muita sabedoria na forma como vivia a sua excelência moral num meio bastante mundano e inevitavelmente imoral (Dan. 1:8-14; 2:14-18; 4:19, 27).

José, no Egito, é outro bom exemplo. A sua excelência moral é revelada na sua recusa persistente do convite imoral da mulher de Potifar (Gén. 39:7-12) e na sua integridade enquanto gestor (Gén. 39:2-6; 39:20-23; 41:40 e 41), mas também na forma como tratou os

seus irmãos que, por inveja e maldade, lhe tinham feito tanto mal (Gén. 45; 50:15-21).

Por excelência compreendemos aquilo que excede, que vai além do bom, porque é mesmo muito bom! Por moral, no contexto do conflito entre o Bem e o Mal no qual nos encontramos, entendemos aquilo que diz respeito ao bem. Assim, aquele que tem excelência moral é aquele que vai mais além na prática ativa do bem, assim como na rejeição do mal. Jesus é, por conseguinte, o modelo por excelência de toda a excelência moral. N'Ele não se achou pecado algum (Hebreus 4:15) e d'Ele se diz que andou por toda a parte fazendo o bem (Atos 10:38). Na cruz, usou as últimas energias para interceder por aqueles que

Lhe faziam mal: *Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem* (Lucas 23:34). Ele é, contudo, o nosso modelo e as pegadas carregadas de excelência que nos deixou (I Pedro 2:21) são para nosso exemplo.

Nos dias que correm, como no passado, é fácil encontrar pessoas empenhadas em alcançar a excelência mental no estudo, em programas acadêmicos, ou em obter a excelência física na preparação para competições de vulto, como as Olimpíadas... mas quem é que hoje procura a excelência moral? Em 1903, Ellen White escreveu:

“A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não

tenham chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus” (*Educação* p. 57).

A virtude, ou excelência moral, era definida por Johann A. Bengel, erudito pietista luterano alemão do séc XVIII,¹ como *coragem ativa no bom combate da fé* (I Tim. 6:12). O “politicamente correto” podia ser característico dos rabis (Mat 11:7; Luc. 7:24), a quem João Batista chamou “uma cana agitada pelo vento” (Ver DTN, p. 273, ed. PSerVir), mas não caracterizou aquele a quem Jesus descreveu como o “maior entre os nascidos de mulher”, outro bom exemplo de excelência moral. Ao nos apro-



"Mas, a todos quantos
O receberam, aos que
**creem no
Seu nome,**
deu-lhes o poder de se
tornarem filhos de Deus."

ximarmos do cumprimento profético descrito em Apocalipse 13:15-18 e 14:9-11, importa desenvolver a coragem ativa, a excelência moral que se caracteriza por permanecer ao lado do que é reto ainda que, para tal, estejamos sós e debaixo de grande oposição.

Ellen White menciona a excelência moral como o ideal de Cristo, a ser buscado dia-a-dia² por jovens namorados,³ médicos,⁴ estudantes,⁵ Professores⁶, entre muitos outros, o que inclui a todos nós. Em 1907 escreveu:

“O ideal de Deus para com os Seus filhos é mais elevado do que os mais elevados pensamentos humanos podem imaginar. Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.” Mat. 5:48. Esta ordem é uma promessa. O plano da redenção tem em vista a nossa completa recuperação do poder de Satanás. Cristo sempre separa do pecado o contrito. Ele veio para destruir as obras do diabo. E tomou providências para que o Espírito Santo seja concedido a qualquer pessoa arrependida, a fim de preservá-la de pecar” (*Review and Herald*, 31 de outubro de 1907).

A pergunta prática que todos colocamos, todos nós que estamos *habitados a fazer o mal* (Jer. 13:23), todos nós que em iniquidade fomos formados (Sal. 51:5), todos nós cuja justiça são trapos de imundície (Isa. 64:6), é: como poderemos alcançar tal excelência?

Disse Jesus: *Sem Mim nada podeis fazer* (João 15:5); contudo Paulo afirma *Tudo posso n'Aquele que me fortalece* (Fil. 4:13)! Aqui está a diferença entre o tudo e o nada! No caminho do “nada” para o “tudo” da excelência moral existem alguns pontos que devemos tomar em consideração:

1. Comunhão Diária com Deus

“O jovem que encontra prazer e felicidade em ler a Palavra de Deus

e na oração, é constantemente refrigerado pela Fonte da vida. Atinirá a uma excelência moral e uma amplitude de pensamentos de que outros não podem ter ideia. A comunhão com Deus anima os bons pensamentos, as nobres aspirações, claras percepções da verdade, e altos propósitos de ação” (*Mensagens aos Jovens*, p. 431).

2. É preciso tomar decisões

“Não podeis controlar os vossos impulsos, as vossas emoções, tal qual o desejaríeis; podeis, porém, controlar a vontade, e podeis operar uma inteira mudança na vossa vida. Entregando a Cristo a vossa vontade, a vossa vida será escondida com Cristo em Deus, e aliada ao poder que está acima de todo o principado e potestade. Tereis, provinda de Deus, força que vos prenderá à Sua força; e uma nova luz, a própria luz da viva fé, ser-vos-á possível. Mas a vossa vontade terá de cooperar com a vontade de Deus” (*Testemunhos*, vol. 5, pp. 513 e 514).

3. Muito cuidado na escolha de amigos e do(a) companheiro(a) de vida

“Caso queiramos erguer-nos à máxima excelência moral, e atingir a perfeição do caráter religioso, que discernimento deve ser empregado na formação de amizades e na escolha de um companheiro de vida!” (*Filhos e Filhas de Deus*, p. 165).

4. Fidelidade nos pequenos deveres diários

“No fiel desempenho de simples deveres do lar, os rapazes e as meninas lançam os alicerces da excelência mental, moral e espiritual” (*Mensagens aos Jovens*, pp. 211 e 212).

5. Compreensão e consciência da fraqueza pessoal

“Aquele que compreende as próprias deficiências, não se poupará de dificuldades para alcançar a mais

alta norma possível na excelência física, mental e moral” (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 67).

6. Paciência e perseverança

“A excelência moral e as belas qualidades mentais não são o resultado do acaso. Os mais preciosos dons não têm qualquer valor, a menos que sejam aperfeiçoados. A formação de um caráter nobre é obra de uma vida inteira, e deve ser o resultado de um esforço diligente e perseverante. Deus dá as oportunidades. Mas o êxito depende de aproveitarmos essas mesmas oportunidades” (*Patriarcas e Profetas*, p. 188, ed. PSerVir).

Ao correremos com perseverança a carreira que nos está proposta (Heb. 12:1), nunca nos podemos esquecer de que é Deus Quem opera em nós tanto o querer como o efetuar (Fil. 2:13). ♣

1. Mencionado no *Pulpit Commentary*, vol. 22, pág. 4 no comentário a II Pedro 2:5.
2. *Atos dos Apóstolos*, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, p. 315.
3. *Cartas a Jovens Namorados*, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, p. 58.
4. *Ciência do Bom Viver*, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, p. 135.
5. Educação, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, p. 18.
6. *Fundamentos da Educação Cristã*, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, p. 525.



Pr. Daniel Bastos
Departamento de Saúde
e Temperança da UPASD

PARA

Refletir

1. Como posso eu progredir rumo à excelência moral sem me tornar autoconfiante e cheio de justiça própria?
2. Quais são as maiores barreiras à excelência moral no meio em que vivemos? Como, pela graça de Deus, poderei também eu ser mais do que vencedor?



Quinto Dia

Conhecer Plenamente Deus

JORGE DUARTE

No evangelho de João encontramos uma conversa interessante entre Filipe e Natanael que merece a nossa reflexão espiritual pela forma como o discípulo de Jesus desafiou o seu amigo incrédulo a conhecer Deus. Debaixo de uma figueira, Filipe foi ao encontro de Natanael e desafiou-o a também ele conhecer plenamente Deus por meio do Mestre da Galileia. Depois de Natanael mostrar a sua indignação sobre o Homem de Nazaré, Filipe fez-lhe o maior desafio que qualquer um de nós pode fazer a si próprio e aos outros: “*Vem e vê*” (João 1:45 e 46).

Este desafio de ir à presença de Deus – tal como Filipe propôs a Natanael ou como Maria viveu quando Jesus passou por Betânia, ao visitar o lar do Seu amigo Lázaro, ou ainda como Abraão e Isaque, que viram com os olhos da fé a plenitude do amor de Deus – oferece a todo aquele que procura uma perspectiva divina e apaixonante de um Deus Criador e Mantenedor.

a) O que significa conhecer plenamente Deus?

Sendo Deus um Ser Sublime e Perfeito, acima de todas as coisas e eterno, jamais conseguiremos alcançar o conhecimento absoluto de

Deus, por causa da nossa natureza caída e pecadora. Fruto da nossa escolha e da perda de uma identidade sem pecado, os homens, hoje, só conseguem ver *por espelho em enigma*; só conseguem conhecer em parte e em parte profetizar (I Coríntios 13:9, 12). Daí que, quando falamos em conhecer plenamente Deus, não podemos pensar que esta é uma simples etapa na nossa vida, fácil de ser alcançada. É, antes, um processo de experimentação ao longo de toda uma vida, que permitirá a contemplação da magnitude de Deus, pois *as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que*

Deus preparou para os que O amam (I Coríntios 2:9). A bem da verdade, conhecer Deus é muito mais do que ler as Escrituras ou praticar uma religião; é mais do que cumprir um código de saúde ou privar-se de determinados hábitos de vida; é mais do que dizer ou fazer. É, sobretudo e acima de tudo, experimentá-lo a partir de uma relação de amor e de uma união total de profunda intimidade e fidelidade.

As palavras do Apóstolo Paulo mostram que podemos chegar ao pleno conhecimento de Deus, mas esta experiência estará sempre dependente da nossa firmeza e disponibilidade. Ela não se resume a um momento especial ou específico da nossa vida, mas resulta de um conjunto de encontros sucessivos com Deus, *até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo* (Efê. 4:13).

A necessidade de conhecermos plenamente Deus deve ser vivida com ousadia, não temendo a vontade do Criador, mas *Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus* (He-

breus 10:19). Somos pecadores e indignos, com um coração manchado pelo orgulho e o egoísmo, porém acharemos Deus e contemplanemos a Providência divina, ... quando O buscarmos de todo o nosso coração (Jeremias 29:13).

b) Cristo é o Caminho para Conhecermos plenamente Deus

Se olharmos com atenção para todos os atos da Criação, encontramos muitas características apaixonantes de um Deus que deseja que O conheçam plenamente. O salmista David escreveu: *Os Céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos* (Salmo 19:1). Mas, mesmo assim, tendo nós esta percepção do carinho que Deus colocou em cada dia da Criação, em cada ser vivo ou mesmo na preparação do lar edênico, é necessário que aprofundemos o nosso conhecimento, não apenas na Criação mas acima de tudo no Senhor da Criação. E o Apóstolo João descobriu o verdadeiro segredo da liberdade na experiência que viveu com Deus: *Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará* (João 8:32). É a Verdade, personificada em Cristo, que nos permite experimentar a plenitude do amor divino e que fará de nós homens livres e libertos de tudo aquilo que impeça a nossa vitória. Portanto, se queremos experimentar viver uma vida apaixonada por Deus nesta Terra só temos um caminho: olhar profundamente para Jesus. Ele próprio afirmou: *Todas as coisas Me foram entregues por Meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho O quiser revelar* (Mateus 11:27).

Cristo é, sem dúvida, Aquele que poderá mostrar a seres pecadores, como nós, qual o caráter de amor e de justiça que existe no Pai e que é

a essência da Sua santidade, da Sua vontade e da Sua graça. Cristo, o Filho Unigênito de Deus, é o único Caminho que tem em Si mesmo a revelação total de Deus. *Porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade* (Heb. 2:9), e porque também *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus* (João 1:1).

Necessário vos é nascer de novo

Infelizmente, o ser humano fixa, age e satisfaz-se facilmente com os seus próprios objetivos, sem interpelar Deus para saber se os mesmos estão ou podem ser integrados no projeto que Ele traçou para cada um de nós (Jeremias 29:11). No entanto, se olharmos para a Lei da Física, concluímos que não é possível colocarmos dois objetos opostos num mesmo espaço. Tendo em conta este aspeto na vida espiritual, jamais conseguiremos alcançar o pleno conhecimento de um Deus que nos ama sem limites, se não nos esvaziarmos de nós próprios para darmos lugar Àquele que em tudo nos fará mais do que vencedores (Romanos 8:37). Se Deus não for tudo em nós, jamais alcançaremos o pleno conhecimento que nos habilitará a uma vida plena do gozo eterno. Jesus afirmou: *A vida eterna é esta: que Te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste* (João 17:3).

Chris Blake, no seu livro *À Procura de um Deus Para Amar*, Publicadora SerVir, p. 125, coloca-nos perante uma realidade à qual não podemos fugir: "A menos que estejamos apaixonados por Deus, estamos a contentar com dias mundanos e descoloridos." Ellen White deixou-nos algumas boas perguntas para reflexão: "A quem pertence o coração? Quem ocupa os nossos pensamentos? Sobre quem gostamos

de conversar? Quem tem os nossos mais calorosos afetos e as nossas melhores energias? Se somos de Deus, é com Ele que estão os nossos pensamentos, e pertencem-Lhe os nossos mais meigos pensamentos."

Quando oferecemos o primeiro lugar a Jesus, estamos a convidá-Lo a entrar na nossa vida para nos tornarmos templos santos neste mundo de pecado e ruína. Estamos a segredar-Lhe ao ouvido: *Eu quero conhecer-Te!* Viver esta experiência com Deus dá-nos a possibilidade de entender que Ele sempre foi misericordioso e que estende a salvação até mesmo aos nossos inimigos. Compreendemos que Deus conduz os Seus planos, mesmo se nós não Lhe damos atenção. Experimentar plenamente Deus permite que descubramos que Ele é fiel e que a Sua fidelidade transforma a nossa vida. Conhecer plenamente Deus por meio do Seu amor capacita-nos para a eternidade e provê todas as nossas necessidades. Se isto for uma constante realidade no nosso dia-a-dia, o Senhor Jesus em breve dirá: *Vinde, benditos de Meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo* (Mateus 25:34). ✨



Pr. Jorge Duarte
Departamento de
Comunicação da UPASD

P A R A

Refletir

1. Leia João 14:8-11. Segundo as palavras de Jesus, como podemos conhecer o Pai?
2. Porque razão nos é necessário nascer de novo? Qual a relação deste novo nascimento com a tarefa de conhecermos plenamente Deus?



Sexto Dia

O Domínio Próprio é Essencial

DANIEL VICENTE

“**S**e não me tivesses falado da maneira que falaste, eu nunca teria perdido a razão.” Quantas vezes já empregaram esta desculpa para a vossa falta de domínio próprio? Infelizmente, eu já a usei diversas vezes e não me orgulho mesmo nada disso. Tal comportamento só pode demonstrar-me que ainda me encontro a léguas de estar a viver debaixo de uma das características que faz parte do fruto do Espírito: o domínio próprio.

Mesmo se é a graça de Deus o único meio pelo qual podemos alcançar cada uma das características daquele maravilhoso fruto do Espírito, não podemos ficar presos a essa inconsistência de, enquanto Cristãos, não manifestarmos o devido domínio próprio. Tal condição impossibilita que o Espírito de Deus possa agir em nós, produzindo este tão maravilhoso e indispensável dom em todo aquele que vive em Cristo.

Mas o domínio próprio não se manifesta unicamente na forma como interagimos com os nossos semelhantes. Ele manifesta-se, igualmente, na forma como respondemos, ou deixamos de responder, a solicitações dos sentidos que podem prejudicar ou

beneficiar o nosso corpo.

“Esta vai ser a última vez!” Mas nunca é a última vez que o dizemos. Não é verdade!? E, assim, vamos condescendendo com os nossos sentidos.

Será que Deus colocou este dom do Espírito ou esta característica do fruto do Espírito longe do alcance de qualquer ser humano? Pessoalmente, e de acordo com a Palavra de Deus, acredito que não! Enquanto Seus filhos, Deus não coloca diante de nós metas inatingíveis. Ele não deseja a nossa frustração, mas sim a nossa realização.

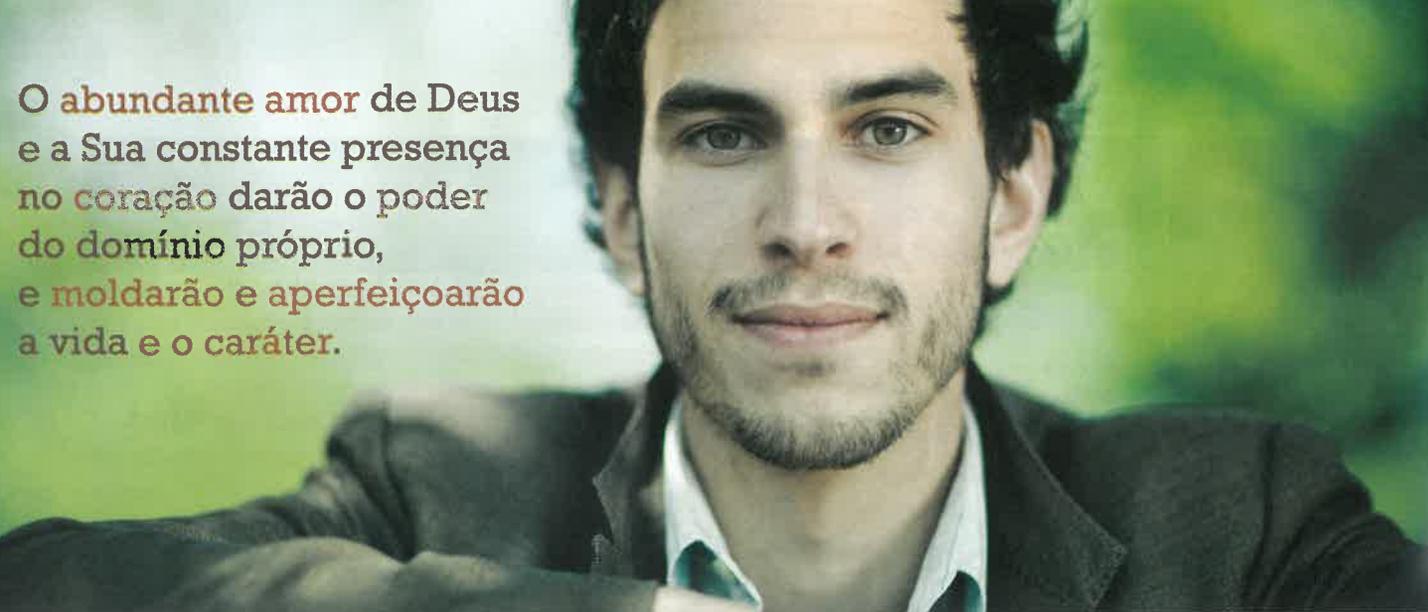
É o Apóstolo Paulo quem diz, sob inspiração: *Os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões... Se vivemos no Espírito, an-*

*demo também no Espírito (Gálatas 5:24 e 25). É por esta razão que o mesmo Apóstolo, ao dirigir-se aos Coríntios, e a nós que lemos essa carta nos nossos dias, escreve: *Ou não sabeis que o nosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fomos comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus (I Coríntios 6:19 e 20).**

Preservar o nosso corpo contra paixões ou impulsos que o possam desarranjar física, psicológica ou emocionalmente, é algo que devemos pedir continuamente a Deus nas nossas orações e, em especial, neste dia em que nos dedicamos a orar de forma especial para que Ele nos encha de domínio próprio e de boa saúde.

Entretanto, será importante que não confundamos domínio próprio com a sua contrafação, que se chama autocontrole. Ao contrário do primeiro, este último não tem origem em Deus, nem é um dom do Espírito. Trata-se, como dissemos, da contrafação do domínio próprio e é, por conse-

O abundante amor de Deus e a Sua constante presença no coração darão o poder do domínio próprio, e moldarão e aperfeiçoarão a vida e o caráter.



guinte, bastante perigoso. Muitas são as correntes do pensamento positivo que estão a defender a importância do autocontrole. O grande perigo deste engano é que, ao ser algo conseguido com esforço humano, acaba por ser uma grande frustração a perda do mesmo, deixando quem o busca em pior situação depois de o perder do que se encontrava antes de o “alcançar”. No caso da perda do domínio próprio, as coisas já não funcionam assim, uma vez que o mesmo nos é concedido por Deus.

Quando, por falta de ligação com o Pai, perdemos a capacidade de entender o que Deus nos quer ensinar acerca do domínio próprio, não temos que desanimar. É o mesmo Deus Quem, mediante o Espírito Santo, nos chama novamente para nos apegarmos fortemente à Sua onnipotente mão. Se atendermos a esse Seu chamado, Ele conceder-nos-á novamente o domínio próprio de que tanto necessitamos. Não devemos, no entanto, esquecer que, para o manter ativo, precisamos de permanecer ligados à fonte de todo o poder, o Espírito, e não desistir de viver de acordo com o mesmo, bem como debaixo da Sua influência. É quando se conjugam todas estas condições que o apóstolo Paulo afir-

ma: *Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece* (Filipenses 4:13). Quando Paulo enfatiza que pode todas as coisas em Cristo, não diz: “Todas menos ter domínio próprio.” Ele diz *todas as coisas*. Por conseguinte, devemos estar cientes de que, pela fé, tal condição é possível e não devemos desistir desse alvo que Deus põe diante de nós em Cristo Jesus.

O domínio próprio é uma qualidade indispensável, que nos é concedida pelo Espírito Santo, permitindo-nos regular, debaixo da Sua guia, o nosso comportamento e fazer escolhas sábias, quer na forma como cuidamos do nosso corpo, quer na maneira como interagimos com os outros semelhantes. Por essa razão, necessitamos fortemente de orar por ele e deixar que o mesmo se manifeste em nós pela graça de Cristo na nossa vida.

Como escreveu E. G. White à Igreja: “O abundante amor de Deus e a Sua constante presença no coração darão o poder do domínio próprio, e moldarão e aperfeiçoarão a vida e o caráter. A graça de Cristo guiará os objetivos e propósitos, bem como as capacidades, pelos condutos que outorgarão poder espiritual e moral – poder que a juventude não terá de deixar neste mundo, porém que

poderá levar consigo para a vida futura, conservando-o através dos séculos eternos” (*Minha Consagração Hoje*, p. 70).

Hoje estaremos a orar para que o Senhor nos encha plenamente, manifestando em nós esta característica maravilhosa que é o domínio próprio, aprendendo igualmente, através dessa manifestação do fruto do Espírito em nós, a manifestarmos o desejo de nos mantermos saudáveis e em boa saúde física.

Que Deus continue a conduzir-nos em espírito de oração e consagração a Ele e n'Ele, ao longo destes 10 dias de Oração. ✎



Pr. Daniel Vicente
Departamento de Mordomia
da UPASD

PARA

Refletir

1. Leia Gálatas 5:24 e 25. Na sua opinião, qual é a relação entre o ato de crucificarmos a carne com as suas paixões e o domínio próprio cristão?
2. Qual é, para si, a diferença entre domínio próprio e autocontrole?



Sétimo Dia

Perseverança Paciente

ARTUR GUIMARÃES

Talvez já tenha ouvido a história de John Stephen Akhwari, o maratonista da Tanzânia, que terminou em último lugar nas Olimpíadas de 1968, na cidade do México. Não existe memória de alguém que tenha terminado uma maratona em tão mau estado como neste caso. Ferido pelo caminho, ele entrou no estádio a coxear, com uma perna a sangrar e ligada. Chegou mais de uma hora depois do último maratonista ter terminado a corrida. Havia apenas alguns espectadores nas bancadas, quando Akhwari finalmente passou a linha da meta. Os jornalistas presentes perguntaram-lhe porque é que não desistiu perante tantas adversidades que lhe tinham acontecido durante a corrida, ao que ele respondeu: “O meu país não me enviou à cidade do México para começar uma corrida, ele enviou-me para terminar uma corrida.”

Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo; pelo Qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança. E a espe-

rança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rom. 5:1-5).

A paciência é uma virtude que não é muito prezada nos dias que correm e à qual nem sempre damos a devida importância. Pregamos mais sobre a fé, o amor, a esperança, do que sobre a paciência. Porém, nos Evangelhos, a paciência surge como uma virtude de extrema importância, um elemento essencial que aparece em várias passagens e que surge mesmo como condição de salvação. Jesus Cristo afirmou em Mateus: *Aquele que perseverar até ao fim será salvo*. Encontramos ainda em Lucas a seguinte afirmação de Jesus: *Na vossa paciência possui as vossas almas*. Convenhamos que, para uma qualidade moral considerada, atualmente, sem muita importância, é extraordinário que Jesus faça dela o critério mesmo da salvação. Por isso, é primordial tentar compreender a sua importância e o seu significado.

A paciência no mundo atual

Vê-se, habitualmente, na paciência uma espécie de passividade, de estoicismo, diria mesmo de fraqueza. E, na verdade, a julgar por aquilo que alguns afirmam quando falam de paciência, até se poderia pensar que a paciência é isso mesmo. Mas não é assim que a Bíblia fala dela. Na Bíblia, a paciência é uma noção muito forte e, para a compreendermos bem, pre-

cisamos de saber o seu verdadeiro significado. Por um lado, a paciência tem a ver com as coisas e, por outro, com as pessoas. É o poder ou a força de resistência, daí a sua associação com a palavra perseverança. É a ação de suportar sem fraquejar, sem se deixar abalar. A paciência e a perseverança aparecem como um único e mesmo movimento. A paciência contém uma parte de perseverança e a perseverança contém uma parte de paciência. Muitas vezes, o nosso erro está em querer separar estas duas noções, como se houvesse ou uma paciência passiva e fraca ou uma perseverança, que seria uma espécie de obstinação na tentativa de lutar contra o mal. Mas, segundo a Bíblia, as duas noções são uma só. Não há paciência sem perseverança ativa, e não há perseverança positiva sem paciência. A paciência bíblica é, portanto, a ação de perseverar e é uma perseverança que sabe esperar.

Gostaria de convidar o prezado leitor a meditar sobre quais as situações em que somos chamados a mostrar esta virtude de paciência perseverante. Verá que são muitas essas situações! Certamente, na luta contra o mal, na provação, na agressão, mas também no nosso próprio progresso em relação com os outros, na relação com os acontecimentos. A paciência e a perseverança são a chave da atitude do Cristão para com tudo o que ele encontra e em relação a todos os que encontra.

Ela é, primeiramente, necessária na provação. Na provação, a paciência é a única coisa que, muitas vezes, podemos fazer: ter paciência e confiança, saber tomar tempo e pensar que esta realidade não é tudo, mas que há uma possibilidade de vida, de esperança, de consolação; portanto, a paciência toca necessariamente a esperança.

A paciência é fundamental, mesmo na nossa vida concreta, porque é uma qualidade eficaz. Tudo na nossa vida necessita de tempo. O nosso crescimento espiritual, como o de uma criança, necessita de tempo; o luto precisa de tempo. Esta noção da necessidade de tempo encontra-se em numerosas parábolas agrícolas contadas por Jesus. O reino de Deus é como uma semente que germina, como uma figueira que cresce; parábolas que mostram que qualquer coisa que é plantada necessita de tempo de espera para que cresça, para que apareça o fruto. E, sem cessar, esta noção está presente na Palavra de Deus. Como o agricultor que se ocupa da figueira estéril, regando, estrumando, ano a ano, sempre com a esperança de que, mais cedo ou mais tarde, produzirá fruto! Paciência, sempre a paciência! Será que isto nos agrada? Gostamos que as coisas se passem deste modo? A verdade é que gostamos de ter tudo de imediato: gostaríamos de consolo instantâneo, gostaríamos que as nossas esperanças se confirmassem de imediato, gostaríamos de respostas rápidas às nossas orações. Gostaríamos que tudo se passasse depressa, mas a palavra do Evangelho diz: *tende paciência!*

Podemos também ir no sentido da perseverança. Há a parábola do amigo inoportuno no Evangelho de Lucas, em que se fala do homem que vem bater à porta do amigo, para que este lhe dê pão e, finalmente, o amigo abre a porta após o outro ter batido... e batido... e batido. E Jesus diz: batei e abrir-se-vos-á; portanto, não tenham medo de perseverar na oração. Certamente que, na nossa busca espiritual, há uma dimensão necessária de perseverança e paciência. E é preciso continuar, recomeçar, reconstruir, continuar a pedir, voltar a pedir, esperar e,

se eu cair dez vezes, onze vezes me levantarei e recomeçarei a pedir! Isto é o que afirma o Evangelho, porque é preciso paciência na construção da nossa fé. É preciso afirmar que a paciência é o melhor meio de lutar contra o mal. É a capacidade de não responder ao mal com o mal, mas responder constantemente ao mal com o bem, até que o mal acabe, por si próprio, por ceder.

A paciência como atitude face ao mundo e aos outros

A paciência e a perseverança são a forma fundamental de existir do crente em relação com o mundo e com os outros. Em relação com o outro, ser paciente com o seu próximo é acolhê-lo, tomar tempo para o escutar, deixá-lo agir, deixar-lhe a responsabilidade de ser, mais do que censurá-lo por aquilo que ele faz. É deixá-lo existir. A paciência é, verdadeiramente, uma forma de amor, porque deve permitir reconhecer o próximo tal qual é, dar-lhe o direito de agir, de ser, mesmo quando essa não é a minha vontade. Estou convencido de que não há amor verdadeiro sem paciência. Talvez a paciência seja a forma mais tangível e mais evidente do amor. O Evangelho afirma que devemos amar o nosso próximo e nisso estamos todos de acordo, mas, no fundo, ninguém sabe o que é que, concretamente, quer dizer “amar”, porque, quando pretendemos amar todos, esse é, por vezes, o meio mais seguro de não amar ninguém. Amar todos é muito vago, mas a paciência é algo de concreto. Sabemos o que ela quer dizer. O próprio Deus mostra uma paciência infinita para conosco e isso constitui uma das mais belas manifestações do Seu amor por nós. E acredito que é a mesma coisa para com os acontecimentos, quando se diz que é pre-

ciso ter paciência na vida, no nosso dia-a-dia. O Evangelho convida-nos não apenas a amar os outros, como ainda a amar a nossa história, amar a nossa própria vida, o que significa aceitar até o mal que nos acontece. Trata-se de aceitar as dificuldades e de sermos capazes de perseverar, sabendo que podemos ir muito mais além da provação que enfrentamos e que podemos mesmo ultrapassá-la. É claro que, por vezes, é necessário saber reagir face aos acontecimentos. Porém, quando não podemos fazer mais nada, o que acontece em muitas provações, e ficamos completamente impotentes, não serve de nada revoltarmo-nos. Nesse caso, há um único caminho: a paciência. Aceitar o acontecimento com paciência é saber que há uma realidade para lá do mal que nos assalta e que essa realidade será eterna. É por isso que a paciência, se ela é indissociável do amor, também o é da esperança. Não há paciência sem esperança, nem esperança sem paciência. A paciência é composta pelo amor e pela esperança.

Temos visto até aqui a paciência como uma espécie de qualidade que seria necessário obter, uma qualidade eficaz ligada ao amor e à esperança, mas a paciência é mais do que isso. A paciência tem, tal como o amor, um valor eterno. A paciência que temos na nossa vida tem uma riqueza que é intrínseca à nossa existência e ao nosso ser. Ela é uma espécie de valor amado por Deus e que, quando existe numa vida, afeta positivamente essa vida para glória de Deus e para a eternidade. Numa vida tudo passa, mas sabemos que o amor fica e que é o amor vivido nessa vida que dá consistência à vida eterna. Em si própria, a paciência é uma qualidade essencial, um valor em si, e não é necessário que a paciência

conduza a qualquer outra coisa, porque, em si própria, ela é algo de formidável e de essencial. Talvez não haja paciência sem fé... sem se pensar que há uma outra dimensão, a dimensão do espírito. E, na situação em que, muitas vezes, nos encontramos, de sofrimentos e de circunstâncias passageiras, certamente que a paciência não é possível senão na fé, na esperança, no amor. É por isso que ela abre uma nova dimensão na vida.

Conclusão

Em Apocalipse 6:10 e 11 surge o relato de seres que clamam a Deus por justiça: *faz-nos justiça, porque sofremos*, e é dito que lhes foram dadas vestes brancas e que lhes foi pedido que aguardassem.

Acho espantosa esta resposta de Deus. No fundo, é-lhes dito para pacientarem. Mas este pacientar não é do mesmo género como quando esperamos na sala de espera de um médico. Tem outro significado: “Agora que vocês sofreram, que deram a vossa vida, que fizeram tudo pelo mundo, há ainda uma coisa extraordinária que podem fazer: esperar, ter paciência!” Essa é a última vontade de Deus para convosco. E isto é assim porque o juízo, a justiça de Deus, não se pode fazer apressadamente, porque os seus resultados são eternos. O juízo de Deus não se pode enganar. Tem de ser inclusivo e não somente exclusivo. Tem de ser equilibrado e justo. Tem que ter em atenção todos os detalhes, e isso não se pode fazer de uma forma apressada, por muito urgente que seja o desejo de justiça por parte daqueles que foram injustiçados e sofrem. A paciência é, assim, uma forma de amor e um testemunho de fé e de esperança. A paciência é, simultaneamente, aquilo que precede e que segue a fé. É preciso paciência para ob-

ter a fé e a fé torna-nos pacientes conosco próprios, com os outros e com Deus. O nosso tempo, a nossa geração, não gosta muito da paciência. Hoje em dia, queremos que tudo seja rápido, diria mesmo instantâneo, mas não é assim que as coisas funcionam e é necessário que, nesta vida material que transcorre a toda a velocidade, saibamos guardar um lugar para o tempo, para a paciência, para o amor, para a construção. Pelo uso da paciência podemos fazer a experiência da eternidade, a experiência do acolhimento, a experiência de sermos capazes de aprender a acolher o que toca ao eterno. Pela aprendizagem da paciência, testemunhamos do que é mais essencial na vida e aprendemos a acolher Deus, que é paciente e eterno. ✨



Ir. Artur Guimarães
Departamento dos
Ministérios das Publicações
da UPASD

PARA

Refletir

1. Agradeça a Deus a Sua promessa de estar consigo hoje, e reconheça que, apesar de tudo o que se passou hoje mesmo, Ele foi e continua a ser paciente consigo... sempre!
2. Tente descobrir alguma coisa em que hoje não exerceu a paciência. Analise o seu comportamento e peça a Deus que o ajude amanhã a ser mais paciente.
3. Em família, peça a cada elemento – marido, esposa, filhos – que, numa folha, coloquem os pontos em que acham que devem desenvolver a paciência. Partilhem as vossas conclusões e façam disso motivo de oração.



Oitavo Dia

Crescer na Piedade

JÚLIO CARLOS SANTOS

Piedade: “Sentimento despertado pelos sofrimentos alheios e que nos leva a mitigá-los ou a desejar remediá-los.”

Pensamento correto, dado pela Enciclopédia. Isto é, na verdade, o que somos constrangidos a fazer perante o sofrimento. Mas, para que esse constrangimento se dê, torna-se necessário “cavarmos” fundo para compreendermos como e quando é que ele nasce em nós... Quando é que o sentimos de um modo profundo.

E então vemos que a piedade é o fruto de alguma coisa, algo que não possuímos em nós mesmos, mas que se manifesta com a nossa permanência em Cristo – união que o Senhor tanto almeja – e que brota aquando da maravilhosa ação do Espírito Santo na nossa vida. As palavras de Jesus vêm dizer-nos isso mesmo (João 15:1-7).

O Senhor Jesus é a Videira. Esta planta possui em si a seiva (esse belíssimo e imprescindível líquido nutritivo que as raízes sugam do seio da terra...) que dá vida a todas as pequeninas hastes, para que não sequem, nem

venham a definhar. A seiva é a vida! A vida que está em Cristo e que nos é dada para, em alegria plena, O glorificarmos através desse mesmo fruto. E então, alimentados pelo Senhor, crescemos como a planta: as nossas raízes procurarão alimento cada vez mais fundo, que é o crescimento da nossa fé; os ramos, ricamente alimentados, serão cada vez mais fortes, crescerão para os lados, como que procurando a quem ajudar e proteger, e para cima, como que dizendo que só olhando para o Alto continuaremos a ter a correta visão da nossa missão para com a humanidade.

Como se apresenta o mundo hoje? Completamente arruinado pelo pecado e completamente o oposto daquilo que foi a Criação de Deus! Algum de nós, os crentes, terá dúvida de que estamos no limiar do fim? Paulo, escrevendo ao seu filhinho espiritual, descreve a tremenda condição dos homens nos nossos dias: ... *traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te* (II Timóteo 3:4 e 5).

Mas também existe um verdadeiro exército de pobres, vítimas de impiedade, de violência, de crueldade e de muitas injustiças, esses que nada mais possuem a não ser a ténue esperança de virem a ser compreendidos e consolados!

Alguém disse: *Deem-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo: a alavanca é o amor.*

Nós conhecemos o Senhor do amor, o Senhor da piedade e da misericórdia, Aquele que curou



O mundo
conhecerá melhor
o caráter
de Deus
se vir em nós
o ministério da
piedade.

cegos, paráliticos e legiões de sofredores. As Suas mãos estavam sempre dispostas a ajudar piedosamente. E, no alto da cruz, quando exangue padecia, ainda sentiu ternura por alguém muito pecador que volveu os olhos em angustioso arrependimento. E Jesus prometeu-lhe a salvação eterna. Na verdade, não existe maior Amor do que este.

Ao termos uma ligação com o Mestre, compreenderemos a dimensão desse AMOR. Sentiremos que é tempo de orar em grande humildade para que o Senhor venha até nós e acreditemos que o pensamento de Paulo poderá mudar a nossa vida: *E o Senhor aumente, e faça abundar em amor uns para com os outros, e para com todos, como também abundamos para convosco. Para confortar os vossos corações, para que sejais irreprensíveis em san-*

tidade, diante de nosso Deus e Pai, na vinda do nosso Senhor Jesus Cristo com todos os Seus santos (I Tessalonicenses 3:12 e 13).

O mundo conhecerá melhor o caráter de Deus se vir em nós o ministério da piedade. E como o mundo carece de piedade!

A Igreja, projeto de Deus na Terra, a menina dos Seus olhos, também precisa de exercer a piedade. Uns com os outros e todos com Cristo, para que, em alegria, possamos terminar a obra que o Senhor nos confiou. E lá, na eternidade, veremos certamente muitos que, unicamente pela ação do Espírito Santo em nós, aceitaram a Verdade.

Senhor, ajuda-nos a sentir, como o nosso Salvador, amor e piedade pelas almas! Ajuda-nos a ser mais semelhantes a Ti! 🙏



Pr. Júlio Carlos Santos
Departamento
de Evangelismo
da UPASD

PARA

Refletir

1. "A piedade é o fruto do caráter cristão. Se permanecermos na videira, daremos os frutos do Espírito. A vida da videira manifestar-se-á através dos ramos. Devemos ter uma ligação próxima e íntima com o Céu, se possuímos a graça da piedade" (*Peter's Council to Parents*, p. 19). Sinto eu a voz de Deus a chamar-me para que Ele acrescente esta graça à minha vida?
2. Leia I Tessalonicenses 3:12 e 13. Segundo este texto, qual é a fonte do amor pelos outros e em que medida é ele possível? Como compreender a aplicação da palavra "irreprensível" ao crente e que ligação tem com o conceito de "graça"?



Nono Dia

Bondade Fraternal

PEDRO ESTEVES

“... à piedade, o amor fraternal” (II Pedro 1:7). Medite por um instante nas palavras de Cristo, que, em oração, partilhava com o Pai o anseio profundo do Seu coração: “Que eles sejam um, como Nós somos um: Eu neles, e Tu em Mim, para que sejam perfeitos em unidade” (João 17: 22 e 23). Magnífica expressão do projeto que o Mestre desenhou para a Sua Igreja – um santuário de afetos que tem o próprio Deus como referência e modelo para o relacionamento entre os seus membros: “Que todos seja um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti” (João 17:21).

A oração de Cristo estabelecia, assim, a visão Divina que haveria de guiar os primeiros crentes da era cristã a uma experiência de partilha e unidade, sem paralelo na história da Igreja. Recorde os fundamentos dessa comunidade: *Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. E vendiam as suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração. (...) Da multidão dos que criam, era um só o coração e uma só a alma, e ninguém dizia que coisa alguma das que*

possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns (Atos 2:44-46; 4:32).

O Apóstolo Pedro estava entre os que viveram esta experiência. Ele testemunhou a alegria e o poder de que estes crentes desfrutavam em resultado da aplicação do princípio estabelecido por Cristo: *Que todos sejam um*. Não admira, por isso, que aos atributos da fé, da bondade, do conhecimento, do domínio próprio, da perseverança e da piedade, o Apóstolo junte a virtude que sabia, por experiência, ser capaz de fazer a diferença na vida de uma igreja: **o amor fraternal!** A Igreja de Cristo está hoje,

como sempre esteve, no fundo, em busca de um reavivamento especial, de uma reconsagração pessoal e comunitária relevante, de uma comunhão com o Senhor que seja mais sólida, mais consistente e, portanto, menos dependente das circunstâncias do momento. A Escritura diz-nos que o amor manifestado entre os crentes, como irmãos, será sempre a evidência de que o reavivamento, a reconsagração e a comunhão são mais do que bons tópicos para os pregadores, mas que podem e têm de ser experiências reais e transformadoras. Quer exemplos? O Apóstolo Paulo escrevia aos Coríntios: *Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que sejais concordes no falar, e que não haja dissensões entre vós; antes sejais unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer* (I Coríntios 1:10). Aos Romanos fazia o apelo: *Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros* (Romanos 12:10). Na sua primeira carta, o Apóstolo Pedro exortava os crentes ao amor entre os irmãos: *Já que tendes purificado as vossas almas na obediência à verdade, que leva ao amor fraternal*



não fingido, de coração amai-vos ardentemente uns aos outros (I Pedro 1:22). E como não citar o Apóstolo que fez do amor fraternal o centro da sua mensagem, em palavras tão intensas quanto estas: Ninguém jamais viu a Deus mas se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o Seu amor é em nós aperfeiçoado. Ver Deus! Que imagem mais poderosa podia João, o discípulo amado, encontrar para motivar os crentes ao amor fraternal?

O princípio de Cristo – *que todos sejam um* – é continuamente explorado por aqueles que o Senhor designou para estabelecerem os pilares da Sua Igreja, e por isso as epístolas revelam-nos os diversos ângulos e aplicações dessa poderosa verdade. Séculos mais tarde, o mesmo Espírito não podia senão ampliar a centralidade do amor fraternal, agora no contexto da Igreja Remanescente e da voz profética de Ellen White: “A verdadeira religião liga os corações, não somente com Cristo, mas uns aos outros, na mais terna união. Quando soubermos o que significa estar assim unidos com Cristo, e com nossos irmãos, uma fragrante, benéfica influência acompanhará nossas obras aonde quer que formos” (*Obreiros Evangélicos*, p. 484). A bênção desta *fragrante influência* estava seguramente nos pensamentos de Jesus quando orava pela união da Sua Igreja, mas olhando para a realidade dos relacionamentos que vejo com tanta frequência entre nós, questiono-me se estaremos dispostos ou sequer interessados em sentir tal fragrância! O amor fraternal de que falam os profetas do Senhor é certamente mais do que sentimentos de momento: a emoção de uma Santa Ceia; uma oração mais fervorosa pelo irmão que descobrimos ter uma doença grave, mas por quem nunca tínhamos orado; um aperto de mão à saída da igreja ou um almoço em convívio de vez em quando. Trata-se de uma escolha diária e consagrada, de um princípio de vida que se nutre do exemplo do Mestre, que *não veio para ser servido, mas para servir* (Mateus 20:28). A serva do Senhor amplia este pensamento nas palavras: “O fortalecimento do nosso amor aos irmãos e irmãs fortalece o nosso amor a Cristo. Este princípio de amor a Deus e àqueles por quem Cristo morreu, deve ser avivado pelo Espírito Santo, e ali-

cerçado com a bondade fraternal, a ternura; precisa de ser fortalecido por atos que testemunhem que Deus é amor. Esta união, que liga coração a coração, não é resultado de sentimentalismo, mas é a ação de um princípio sadio” (*Nos Lugares Celestiais*, p. 107, ed. PSeVir).

Ao buscar a presença de Deus para a sua vida neste início de ano, reconheça que não a alcançará sem abrir o coração ao amor genuíno pelos seus irmãos. Lembre-se de que a esperança da Salvação que o anima todos os dias se deve exclusivamente à grandeza do perdão de Deus que lhe é concedido sem que o mereça e, portanto, ofereça generosamente perdão aos que foram injustos consigo. Considere finalmente que Jesus o convida a olhar para **todos** os membros da sua família espiritual, a Igreja, como seus irmãos de sangue. Não o que lhe corre nas veias, mas o que Ele derramou por nos ter amado *até ao fim* (João 13:1). ♣



Pr. Pedro Esteves
Departamento de Jovens
da UPASD

PARA

Refletir

1. Leia as seguintes passagens bíblicas em paralelo: I João 4:7-21 e I Coríntios 12:12-27. De acordo com a sua opinião, de que forma se pode relacionar o apelo ao amor fraternal feito pelo Apóstolo João com a imagem da Igreja como corpo dotado de muitos membros, explorada pelo Apóstolo Paulo?
2. Procure encontrar exemplos práticos de como podemos hoje, nas nossas igrejas, manifestar o tipo de amor fraternal de que a Bíblia e o Espírito de Profecia nos falam.



Décimo Dia

Amar Acima de Todas as Coisas

MARIA DA LUZ CORDEIRO

“**S**upremo amor por Deus e desinteressado amor mútuo – eis o melhor dom que o nosso Pai celestial pode conceder. Este amor não é um impulso, mas um princípio divino, um poder permanente. O coração não consagrado não o pode criar ou produzir. Só existe no coração em que Jesus reina. 'Nós amamos porque Deus nos amou primeiro.' I João 4:19. No coração renovado pela graça divina, o amor é o princípio que comanda a ação. Ele modifica o caráter, governa os impulsos, controla as paixões e enobrece as afeições. Este amor, acariciado na alma, ameniza a vida e espalha, ao seu redor, influência enobrecedora.” ELLEN WHITE, ATOS DOS APÓSTOLOS, P. 394, ED. PSERVIR.

Quantos de nós experimentamos a tristeza e a frustração de magoar aqueles que dizemos mais amar? Quantos de nós choramos e lamentamos a rudeza da atitude e das palavras com que ofendemos o nosso cônjuge, os nossos filhos, os nossos irmãos de igreja? Quantos de nós sentimos, em algum momento, a impotência natural que o nosso coração demonstra para perdoar aqueles que muito nos ofenderam? Quantos de nós caímos de joelhos e, de olhos humedecidos,

reconhecemos diante de Deus que não somos capazes? Não somos capazes de expurgar de dentro de nós este egoísmo, esta sensibilidade egocêntrica do “eu”; não somos capazes de modificar este caráter deformado que teima zelar mais por mim do que pelo outro.

Meditar sobre o amor de Deus é compreender e ambicionar esse extraordinário potencial que a vida pode oferecer, quando o coração tiver sido renovado pela graça divina. Contemplar esse amor é reco-

nhecer que a nossa própria natureza nasce destituída *desse supremo amor por Deus e desse desinteressado amor mútuo*. É concluir que amamos por impulso, em momentos fugazes de paixão, que retribuímos na medida daquilo que nos é oferecido. Pelo que a nossa vida familiar e de Igreja se demonstra ser miserável, atribulada e incoerente, instável entre sentimentos ora de amor, ora de mágoa.

Amar por *princípio*, conter no nosso coração este amor divino como um *poder permanente*, é nascer de novo sob a forma dessa natureza divina que só Deus pode recriar. Como diz o apóstolo Paulo na sua carta aos Romanos, no capítulo cinco e versículo cinco: *Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado no nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado*. Para possuímos esse amor que jamais acaba (I Coríntios 13:8) é necessário irmos diariamente à presença de Deus e suplicarmos esse dom. Esse dom divino que é o único capaz de governar *os impulsos*, controlar *as paixões* e enobrecer *as afeições*. Um amor renovado pelo Espírito Santo



conceder-nos-á bondade nas ações e nas palavras; misericórdia e perdão para com os que nos magoam; interesse e preocupação genuínos pela salvação daqueles que ainda não conhecem Jesus. Este amor divino, derramado no nosso coração, dispensará as pregações e os apelos suplicantes, culpabilizantes e insistentes de exortação ao trabalho missionário. *Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele* (I João 4:16). Seremos como Jesus. Uma *influência enobrecedora* será derramada ao nosso redor. Família, irmãos de Igreja, vizinhos e amigos serão abençoados pelo *bom perfume de Cristo* (II Coríntios 2:15) que, pela Sua graça, de nós exala.

Muitas vezes questionamo-nos sobre a razão por que não se manifestam curas milagrosas no seio do povo de Deus, como acontecia no tempo dos apóstolos. Lamentamos a ausência destes milagres, que achamos poderem servir para fortalecer a nossa fé. Frequentemente, porém, desvalorizamos o grandioso e inspirado milagre que Deus em nós opera quando o nosso coração não mais busca os seus interesses. Quando reconhecemos que é o amor de Deus em nós que nos ajuda a interceder por aqueles que nos ofendem, a buscar fazer o bem a quem nos odeia, a falar bem de quem diz mal de nós, a orar por quem nos calunia e a continuar a dar, mesmo que não recebamos nada em troca (Lucas 6:27-29). Não serão estes os milagres de que mais carecemos? Não serão des-

tas manifestações de poder divino que mais necessita a nossa família, a nossa igreja, a nossa sociedade? Grandioso milagre, quando o amor, mais do que um sentimento, se torna num princípio capaz de regular todas as nossas ações.

Desejamos que a nossa família viva em amor. Ansiamos ver as nossas igrejas fervorosamente crescendo em espiritualidade e em número. Queremos ser capazes de, naturalmente e com regozijo, conduzir as nossas conversas com os nossos vizinhos e amigos para assuntos divinos. Sonhamos abraçar quem ofendemos ou quem nos ofendeu. Queremos ser livres deste fardo de tendência para o mal a que o pecado nos conduz. Ansiamos a leveza de uma mente em paz com Deus e com o nosso próximo. Então, busquemos amar acima de todas as coisas.

Amor – é tudo aquilo que Deus é! Esse foi o *amor* revelado no nascimento, na vida, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo. Hoje, continua a ser esse mesmo *amor* que motiva o ministério de Cristo no santuário celeste. Por toda a eternidade será esse *amor* o assunto de estudo, de contemplação e admiração de todos os remidos.

Como lemos na citação atrás referida, *o coração não consagrado não pode criar ou produzir este amor*. Durante estes dias de oração, humildemente reconheçamos a nossa carência deste poder divino. Peçamos incessantemente o Espírito Santo para que, derramado esse *amor*, um dom de Deus, no nosso coração,

possamos em consequência ter a alegria de constatar que, *logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim* (Gálatas 2:20).

Possa o nosso foco de intercessão neste dia especial de oração ser a súplica por um amor renovado por Deus, pelos nossos familiares, pela nossa igreja e, particularmente, por todos aqueles que vivem neste mundo solitário e sombrio sem o conhecimento da Palavra de Deus. Possam as nossas palavras, ações e pensamentos, os momentos de alegria ou de tristeza, de elogio, admoestação ou repreensão, sempre demonstrar que *o amor está acima de todas as coisas*. Que o louvor a Deus seja a nossa motivação:

*“Sublime amor, o amor de Deus!
Oh! Maravilha sem-par!
Por esse amor, eternamente,
a Deus iremos louvar”*

(*Hinário Adventista*, nº 31). ♣



**Pr.ª. Maria da Luz
Cordeiro**

*Departamento dos Ministérios
da Família da UPASD*

PARA

Refletir

1. Quanto tempo dedico diariamente para meditação e contemplação deste amor de Deus?
2. Que experiência posso partilhar, hoje, na qual o amor tenha feito a diferença?



Décimo Primeiro Dia

Regozijo pelos Resultados que Vêm de Deus

ANTÔNIO RODRIGUES

“**E**m que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações” (I Pedro 1:6).

Quando Pedro escreveu este texto, no primeiro século da nossa era, já existiam Cristãos que ansiavam pela herança maravilhosa que Deus prometeu aos Seus filhos. No entanto, viviam também tempos difíceis, de grandes perseguições, com risco de vida. Já no primeiro século, tiveram de enfrentar terríveis provações, que, em alguns casos, os levaram até à morte. Ser Cristão foi, em todos os tempos, é e continuará a ser difícil, pois somos um alvo que Satanás quer destruir. *Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais* (Efésios 6:12).

Como Pedro conheceu Jesus de perto, estava confiante de que, apesar de todas as dificuldades e problemas, era um prazer enorme

tê-l'O no seu coração. Jesus agora fazia parte da vida do Apóstolo. Também nos nossos dias, Jesus continua a fazer o convite a cada um de nós, como o fez a Pedro; *Vinde a Mim todos os que estai cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei* (Mateus 11:8).

Viver a esperança de estar na nova Terra é a maior alegria de cada crente em Cristo Jesus. Mas o texto de Pedro vai mais além, criando na vida do Cristão não só o desejo evidente de um dia estar com Jesus na eternidade, mas também o desejo de começar desde agora. *Para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos Céus para vós* (I Pedro 1:4).

A esperança do Crente não devia separar as duas realidades, a vida eterna e a vida atual. O Cristão deveria ter a noção de que a es-

perança cristã não significa apenas um tipo de expectativa em relação ao futuro. Somos convidados a viver o presente como se já estivéssemos no Céu: *Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas* (I Pedro 1:9).

A Salvação é o fim da nossa fé. Ela é o ingrediente que dá sentido à nossa vida presente. É ela que tira dos nossos dias rotineiros as sombras da incerteza e deixa brilhar o Sol da alegria. Fazer da Salvação apenas uma possibilidade futura é torná-la simplesmente um desejo ou uma expectativa, mas não a certeza de algo real. O Apóstolo Paulo disse: *Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou* (Romanos 8:37). Em Cristo, somos mais do que vencedores. Por exemplo, quando celebramos o nosso aniversário é sempre agradável receber prendas. Por um lado, esperamos receber o presente e, por outro, assim que abrimos a prenda, somos levados a usá-la ou a mostrá-la com alegria.

Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espí-

rito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne (Ezequiel 36:26). O regozijo vem pela certeza diária de que temos um Senhor e Salvador. Diariamente Ele dá-nos forças para lutar e inteligência para não cairmos nas ciladas do inimigo. Cada crente deverá ter a certeza de que Jesus está presente na sua vida, hoje, agora, onde está, dando sentido à existência e trazendo plenitude e paz ao coração. *Meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo as Suas riquezas na glória em Cristo Jesus* (Filipenses 4:19).

Embora possa existir uma montanha de problemas à nossa frente, Jesus deu-nos a certeza da vitória através da Sua palavra e o Seu apoio quando enfrentarmos os "Gigantes" desta vida. O apóstolo Paulo escreveu aos Cristãos de Roma, quando estavam a ser perseguidos: *Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida,*

nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor (Romanos 8:38 e 39).

Como viver feliz num mundo de pecado? Ou quando ficamos doentes, desempregados ou desanimados?

As bênçãos que recebemos nesta vida são apenas um "adiantamento" da verdadeira alegria que receberemos no final. Deus reservou para nós o que jamais podemos ter ou o que jamais vimos nesta Terra. *Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano, o que Deus tem preparado para aqueles que O amam* (I Coríntios 2:9). Acredito que nem sempre seja assim tão fácil de compreender o que realmente está guardado para nós. Pedro diz-nos no versículo 4: *Para*

uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos Céus para vós (I Pedro 1:4). O pecado nunca mais terá poder para escravizá-lo, derrotá-lo ou humilhá-lo. E o melhor de tudo é poder saber que, com Jesus, viveremos eternamente.

O Apóstolo Pedro termina enfatizando que a esperança cristã concede aos filhos de Deus a certeza da proteção divina. Ele afirma, no versículo 5, que: *... sois guardados no poder de Deus...* (I Pedro 1:5). Proteção divina significa que o poder divino estará sempre ao nosso redor, de modo a termos o valor e a coragem necessários para continuar a crer em qualquer circunstância. Existe muita diferença entre dizer: "Um dia o Senhor livrar-me-á de todas as dificuldades", e dizer: "Eu sei que o Senhor está comigo apesar das dificuldades." Esperança cristã não é





somente expectativa futura. É, em primeiro lugar e acima de tudo, a realidade presente da proteção divina. Mas esta proteção não significa necessariamente que não seremos atingidos pela dor. Claro que Deus não é o autor da tristeza nem do sofrimento, mas essa é a realidade da vida humana num mundo imperfeito.

Está a atravessar um momento difícil na sua vida? Sente que as suas forças estão a esgotar-se e que não conseguirá resistir por muito mais tempo? Lembre-se da promessa de hoje. Deus finalmente expulsará a dor e o sofrimento da sua vida. Mas, enquanto esse dia não chega, não está sozinho. Jesus estará sempre ao seu lado. A esperança do Cristão tem que ver com a vida. Não existe nada melhor do que a esperança para dar sentido à vida. Deus deu-nos a vitória através da ressurreição de Jesus Cristo. Deus tem poder para transformar as nossas lágrimas em glória e alegria.

Por isso, Deus é o fundamento da nossa esperança. Prezado irmão, prezada irmã, pode sair, neste momento, das sombras do temor e do pessimismo para um novo dia ao lado de Jesus. O que

faz possível que os santos sejam amparados pelo braço protetor do Onnipotente é a fé individual de cada crente. Deus pode fazer pouco pelo homem que se nega a acreditar, que não tem fé e que não confia em Deus. Viva com a certeza de que está seguro de que o plano de Deus para si satisfará plenamente os mais profundos desejos da sua alma.

Porque a Sua ira dura só um momento; no Seu favor está a vida. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã (Salmo 30:5).

Farta-nos de madrugada com a Tua benignidade, para que nos regozijemos, e nos alegremos todos os nossos dias (Salmo 90:14).

Eu, porém, cantarei a Tua força; pela manhã louvarei com alegria a Tua misericórdia; porquanto Tu foste o meu alto refúgio, e proteção no dia da minha angústia (Salmo 59:16).

Os Dez Dias de Oração não devem terminar aqui. Viver uma vida de oração e consagração a Deus deve ser o objetivo de cada Crente. Procure ou forme um grupo de oração, de louvor e de agradecimento por todas as bênçãos derramadas pelo Espírito Santo. Separe

uma hora por dia para agradecer a Deus pelo Seu perdão e pela Sua misericórdia e, claro, pelo amor de Cristo Jesus. Pense em adotar algum tipo de jejum, como o de TV, música secular, filmes, Internet, etc.. Use o tempo extra para orar e ler a Bíblia. Peça que o Espírito Santo Se revele a si. Fale sobre essa revelação diariamente, através do testemunho de como Deus tem operado na sua vida. Peça a Deus para mostrar-lhe as pessoas por quem deve orar para alcançá-las para Jesus.

Entregue o seu coração a Jesus Cristo agora. ✨



Pr. António Rodrigues
Presidente da UPASD

PARA

Refletir

1. Porque razão a salvação deve ser o fim ou o objetivo da nossa fé?
2. De que modo já experimentou a proteção divina na sua vida?

Reavivamento para quê?

Uma ênfase renovada no reavivamento está a varrer a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Isto é precisamente o que deveria acontecer. O reavivamento é uma experiência permanente na jornada espiritual de cada cristão e na vida da Igreja. O reavivamento é a renovação das energias espirituais da alma. Tem a ver com um novo compromisso com Jesus cada dia. Conduz-nos a uma experiência mais profunda na oração, a um estudo mais diligente da Palavra de Deus e a uma vida de serviço e testemunho. Um coração faminto por reavivamento espiritual é um coração que anseia por uma experiência mais íntima com Jesus. Não se satisfaz com uma experiência oca e superficial. Anseia por muito mais.

Pouco tempo antes da Sua morte, Jesus orou: “E a vida eterna é esta; que Te conheçam, a Ti só, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste” (João 17:3). Se eu parafraseasse esta frase no contexto do reavivamento, diria: “E este é o verdadeiro reavivamento: conhecer realmente Deus e o Seu Filho, Jesus Cristo.” Reavivamento é conhecer intimamente Jesus; é companheirismo com o Salvador.

Mas isto é tudo o que o reavivamento é? Se orarmos e estudarmos mais a nossa Bíblia, irá isto conduzir-nos automaticamente a um relacionamento mais profundo com Jesus? Pode conduzir ou não. É possível orar e estudar a Bíblia durante horas e, ainda assim, não estar mais próximo de Jesus; depende largamente dos nossos motivos ao orarmos e estudarmos a Palavra de Deus.

Imagine um grupo de pessoas há dois mil anos que passavam horas a orar e a estudar as Escrituras e que, no entanto, foram os instrumentos que levaram o nosso Senhor à mor-

te. Se a espiritualidade fosse determinada pelo número de horas que se orasse ou estudasse as Escrituras, os Fariseus teriam sido as pessoas mais espirituais do Planeta. Mas eles conspiraram para crucificar o nosso Senhor. O seu orgulho egoísta resultou numa total incompreensão da essência da verdadeira religião.

Qualquer suposto reavivamento que se foca apenas na “minha experiência espiritual” também falha o alvo. Se ele desenvolve em mim uma atitude crítica para com aqueles que podem não se conformar com o “meu padrão de santidade”, certamente não é espiritualidade genuína. Se a ênfase do reavivamento é apenas no sentido de se mudar o comportamento exterior em vez de ser o experimentar de um coração transformado, algo está errado.

Corações transformados levam a um comportamento transformado. O reavivamento genuíno nunca conduz a pessoa a centrar-se sobre si. Ele conduz sempre a uma preocupação altruísta com os outros. Quando o nosso coração é renovado pela graça de Deus, ansiamos abençoar e servir os outros. Todo o reavivamento genuíno conduz a uma ênfase renovada na missão e no serviço.

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre uma Igreja que estava a orar por poder para alcançar o mundo com uma mensagem de salvação (veja Atos 2:1-4). Os seguidores de Cristo reconheciam a sua necessidade de poder divino para executar a Sua ordem sobre a proclamação do Evangelho. Comentando a experiência dos discípulos, Ellen White fez esta poderosa declaração: “Qual foi o resultado do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes? As boas-novas de um Salvador ressuscitado foram levadas

às mais longínquas partes do mundo habitado. À medida que os discípulos proclamavam a mensagem da graça redentora, os corações cediam ao poder da mensagem. A Igreja viu pessoas convertidas vindas de todas as direções. Extraviados reconverteram-se. Pecadores uniram-se com os crentes na busca da Pérola de grande preço. Alguns dos que tinham sido os mais inflexíveis inimigos do Evangelho tornaram-se nos seus campeões” (Atos dos Apóstolos, p. 35, ed. P.SerVir).

O propósito do reavivamento é encher o nosso coração com um tal amor por Jesus que ansiemos partilhá-lo com toda a gente que for possível. No reavivamento genuíno, o nosso coração é despertado para a Sua bondade, para a Sua compaixão, para o Seu perdão e poder. Nós ficamos de tal modo encantados pelo Seu amor e transformados pela Sua graça que não podemos permanecer em silêncio.

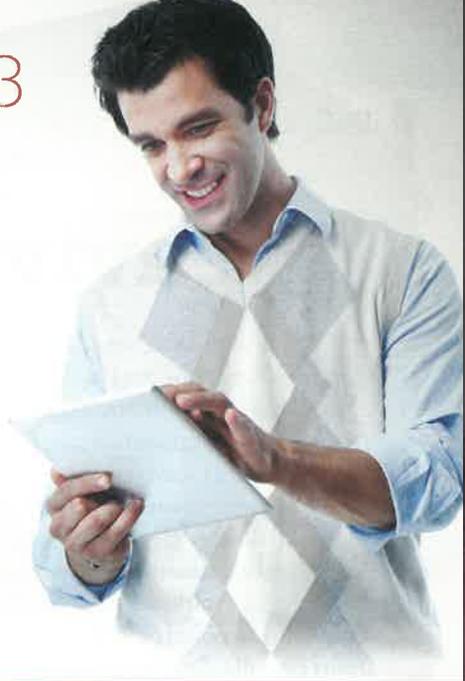
O propósito do reavivamento é fazer-nos aproximar tanto de Jesus que o Seu amor se derrame da nossa vida para os outros. Reavivamento – para quê? Todos os reavivamentos verdadeiros levam-nos a abandonar a preocupação conosco mesmos e a vivermos vidas de testemunho e serviço. Eles conduzem-nos para as nossas comunidades, para partilharmos o amor de Jesus por palavras e atos, para fazermos uma diferença eterna em favor de Cristo e do Seu reino.

Eu oro para que a Igreja Adventista do Sétimo Dia experimente este reavivamento enviado do Céu, pleno do poder da chuva serôdia, para que possa partilhar a Sua mensagem de amor e verdade nesta hora culminante da história da Terra. ✠

• Pr. Mark Finley,
assessor do Presidente da C.G.

Meditações Matinais 2013

Agora disponível em plataforma digital!



O livro de Meditações Matinais *Apocalipse – O Evangelho de Patmos* já se encontra disponível como livro digital para leitores de *e-books*. Adquirá já o seu através das lojas *Amazon* e *Apple Store*!



Conheça outros livros disponíveis!



Siga a Publicadora SerVir nas **redes sociais!**

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir

Publicadora **SERVIR** 

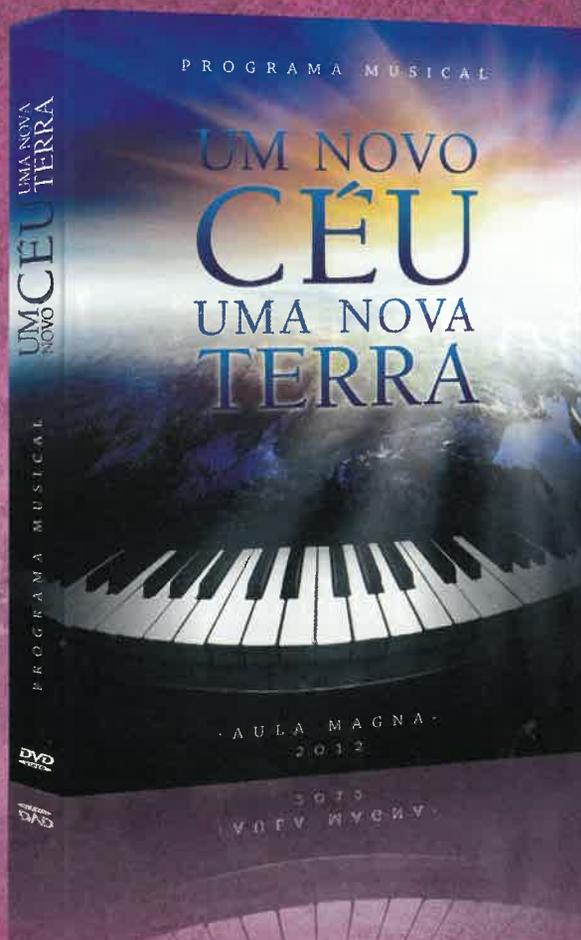
Rua da Serra, 1 – Sabugo Tel.: 21 962 62 00
2715-398 Almargem do Bispo Fax: 21 962 62 01
Portugal publicadora@pservir.pt

www.publicadora-servir.pt

lançamento

UM NOVO CÉU UMA NOVA TERRA

*Reviva,
partilhe
e ofereça!*



*Um presente
(mensagem)
muito especial!*

DVD

PREÇO

10€

L momento único de louvor
e de reflexão sobre o **CÉU!**
coro de 300 VOZES

Encomende já em www.adventistas.org.pt/evangelismo
ou na livraria da sua igreja!



WAY



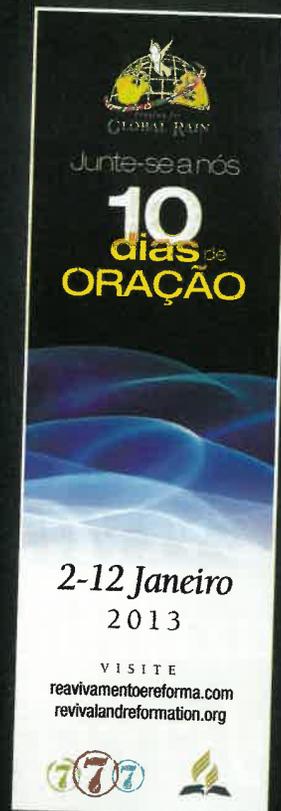
UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Área Departamental de Evangelismo
Rua Acácio Paiva, 35 1700-004 Lisboa (21 351 09 10)

Junte-se a nós

10 dias de ORAÇÃO

Sermão Especial
Sábado, 12 de janeiro

Pregador: *Pr. António Rodrigues*
Presidente da UPASD



SERMÃO ÀS 11H

Transmissão em direto
em www.tvadventista.pt

16h Apresentação
dos Departamentos

VISITE
reavivamentoereforma.com
revivalandreformation.org

